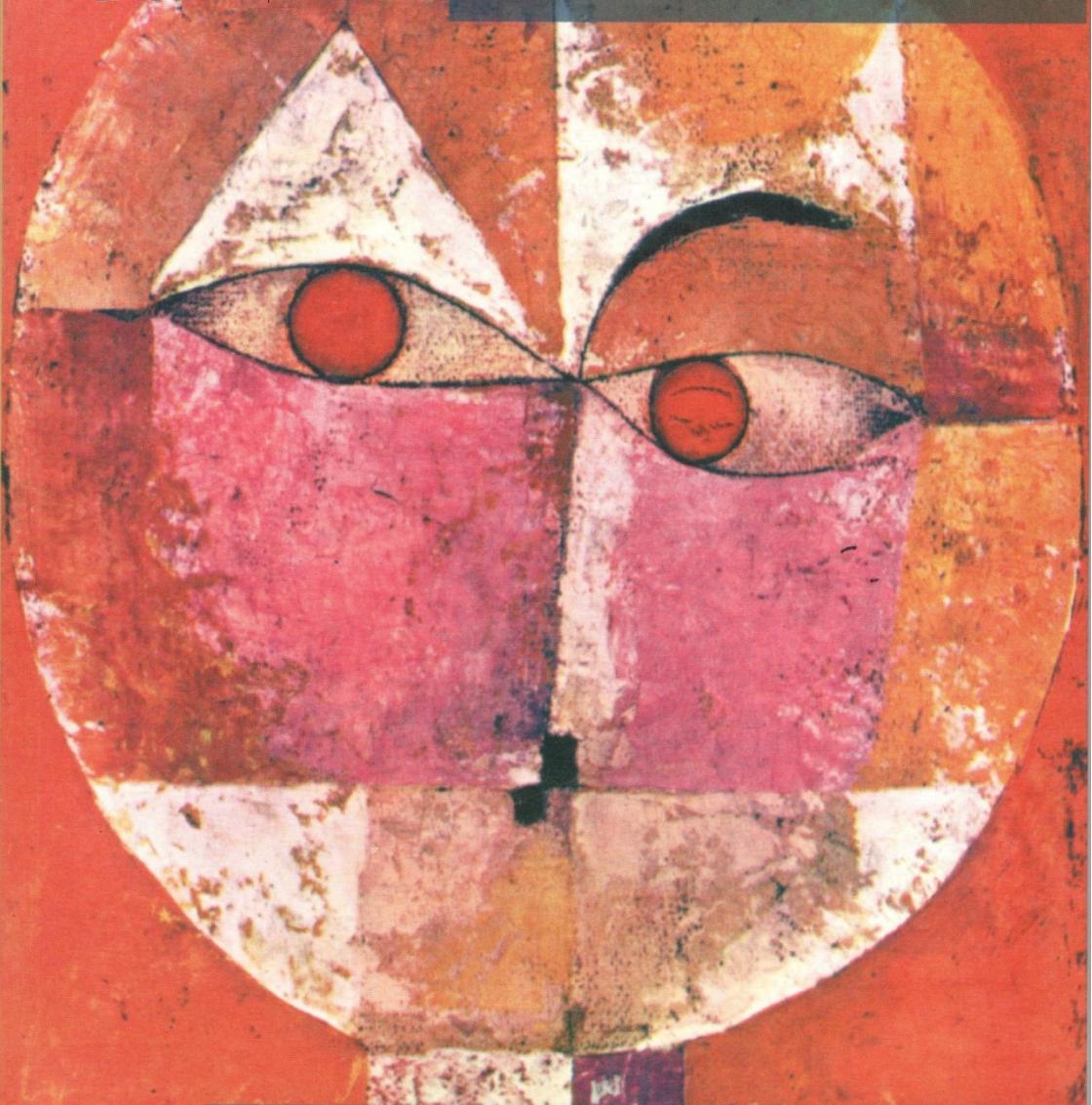




Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

J. A. Salton



Chá de
Garfo

Em mais um texto de ficção de fundo psicológico, J.A. Salton, desta vez, nos oferece como personagem principal um terapeuta aficionado a filmes de ação americanos. Resultado: um verdadeiro *chá de garfo*.

B.J., dentre outros casos, vê-se às voltas com: a perversão “telefônica” da mulher que não quer se tratar; o ciúme doentio do astronauta árabe pelas quarenta mulheres de seu harém; um caso de sororato em Paris; outro de travestismo em Bucareste. E o que fazer com a impotência dos irmãos padeiros? E com as “vozes de elefante” que o desembargador escuta somente quando passa em frente ao número 331 da Goethe Street em Chicago? Sem esquecer que, já de início, em “O retorno de Mira”, sobre ele cai com força a vingança de uma ex-paciente já falecida.

Através de episódios tragicômicos, somos colocados frente a um dos paradoxos de nosso tempo: como solucionar problemas complexos se estamos todos impregnados por uma cultura que valoriza o binômio *músculo-ação* em detrimento ao do *pensamento-imaginação*?

Jorge Alberto Salton

Chá de garfo



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2015

Jorge Alberto Salton

Chá de garfo

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2015

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Do livro: ISBN 978-85-86010-43-9 Crônicas. -Passo Fundo: Ed. UPF, 1998. 104p.; 21cm.

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 3,0 Nao Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para:

Creative Commons, 444 - Castro Street, Suite 900 - Mountain View - Califórnia, 94041, USA.

Revisado pelo autor em: 27/05/2015

S179c Salton, Jorge Alberto

Chá de garfo [recurso eletrônico] / J. A. Salton. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2015.

2,87 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-133-9

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Humorismo brasileiro.
3. Crônicas. I. Título.

CDU: 869.0(81)-7

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

NOTA INTRODUTÓRIA

Esta narrativa me foi ditada por B.J. Conheci-o há alguns anos, por obra do acaso, num restaurante de carne de cobra venenosa na cidade de Xangai. B.J., contratado por uma cooperativa chinesa de alimentação, desenvolvia um método rápido de dessensibilizar os turistas ocidentais do medo de serpentes.

De volta a nossos países, continuamos nos comunicando via *e-mail*. Logo percebemos o quanto somos diferentes. Eu rezo pela cartilha da ciência acadêmica, ele ignora toda e qualquer cartilha e se diz um homem de ação.

B.J. nunca teve o desejo, a disposição e a paciência para escrever um livro. Ameaçado de morte e “antes que seja tarde”, pediu-me para ajudá-lo a publicar suas experiências que, segundo ele, influenciarão aqueles que, neste novo século, irão se dedicar à cura de casos perdidos. Não quis revelar seu nome por temor: seus clientes, mesmo com suas identidades preservadas, poderiam processá-lo. É bom que se diga que essa abreviatura não é a de seu nome verdadeiro: utilizamos as iniciais de um apelido que seu pai teve na infância e na adolescência.

Dispus-me ao trabalho cansativo de escrever e reescrever porque vi nos relatos de meu amigo uma comédia suave, boa de ser lida numa tarde de domingo chuvoso. (J. A. Salton)

Sumário

O RETORNO DE MIRA	11
NOSSO ELEFANTE DA GOETHE STREET	18
NA GANGORRA COM VOVÔ.....	34
A DESAFORADA.....	43
O REVOLUCIONÁRIO DE BUCARESTE.....	53
UM HOMEM, UMA BALEIA, UMA PAIXÃO.....	65
O ÁRABE ASTRONAUTA	75
TERAPEUTA DE PESCOÇO COMPRIDO.....	85
PISANDO NA BORBOLETA.....	96

Não vos esqueçais, Senhor, que eu faço nascer o sol! Apesar
disto, reconheço que sou vosso servo... Mas não esqueçais,
Senhor, que eu faço nascer o sol! Amém!
GASZTOLD, Oração do Galo.

O RETORNO DE MIRA

Sinto que sou ninguém salvo uma sombra.

Pus o gato na cama. Acabo de telefonar para minha namorada, de discutir, de desligar, de ligar de novo, de acertar algumas pontas, não todas. A TV por cabo não funciona. Encontro sobre a mesinha Fernando Pessoa. Leio só um pouco.

Durmo? Mas e o gato? E se ele acordar pela madrugada?

Permaneço indeciso. Como vou agüentar o silêncio natural desta casa de campo? O horror do tique-taque do relógio da parede?

Levanto da poltrona e caminho até à janela envidraçada da sala. Lá fora, a escuridão. Não vejo nada e tenho medo do que não vejo. Aqui dentro, apenas um abajur mantém a iluminação à meia-luz. A casa é minha conhecida. Há cerca de dois anos passei alguns dias aqui cuidando de Mira, antes de ela morrer, quando teve um surto de euforia e de hiperatividade. Oitenta anos e, mesmo com essa idade, seus filhos não podiam com ela. Fugia e bailava nas festas da universidade aqui perto. Ela, que até então vivera quieta, enclausurada nesta casa, às vésperas do fim quis ganhar o mundo. Bernarda e Vicente, os filhos, ambos solteiros, viviam sob seu jugo, como brinquedos de controle remoto.

Lembro a noite em que acordei e vi Mira dependurada neste lustre. Aliás, no antigo que quebrou. Esta casa ainda é dela, pelo menos enquanto o gato viver.

Retiro, num susto, os olhos da escuridão. Provavelmente, meu olhar se dirigia na direção onde se encontra o túmulo da minha ex-cliente. Volto a me sentar. Que faço aqui se Mira morreu? Morreu? Não de toda, enquanto o gato viver...

Pena que este ambiente, que poderia ser agradável, para mim evoque aquela sensação de desconforto de uma relação mal-acabada. Sim, a proprietária do imóvel morreu de mal comigo. Tudo por causa daquela vez em que, a pedido dos filhos, fui buscá-la contra sua vontade na academia de capoeira. Estraguei, segundo ela, seu show. Seus movimentos eram de campeã. Mas e o risco? Mira, você pode fraturar uma perna, fraturar a bacia! Não se importava. Queria viver intensamente os poucos dias que lhe restavam. Mas, Mira, competir no campeonato citadino de *skate*?!

Retida nesta casa, comigo e meus calmantes, a única coisa que lhe alimentava o espírito era o desejo de vingança. Não me via como um profissional. Que doutor, que nada! Eu era como Bernarda e Vicente: umas boas chineladas e tudo se alinhava. Morreu frustrada, a pobre, a vida não lhe deixara força suficiente para me aplicar uma surra. “Se eu tivesse vinte anos...”, lembro-me de ouvi-la murmurar enquanto, contrariada, abria bem a boca para que eu pudesse verificar que não escondera o comprimido em algum canto para, depois, cuspi-lo às escondidas.

Ouço um ruído que me assusta. Uma pedra no telhado? Talvez a fruta de uma árvore jogada pelo vento. O que faço aqui? Cuido do gato. Ocorre que, além da casa, a única herança que Mira deixou foi um gato velho, gordo, de olhos verdes bem atilados. Mandão como sua falecida dona. Se acordado, me faria levantar já desta poltrona. Me faria fazer não sei que coisas mais. Controla de cima os passos de Bernarda e de Vicente. Não admite afastamentos. É como Mira. Devido a ele, os irmãos acabaram se dividindo: cada um trabalha um turno do dia, no outro permanece em casa junto com Rei. Sim, Rei é o seu nome.

O processo normal de luto ainda não começou. Bernarda e Vicente vivem como se a mãe ainda habitasse a casa. Quando Rei morrer...

O gato não quis acompanhá-los em uma inadiável viagem de negócios. Prefere ficar em casa, enclausurado. Provavelmente, nos últimos dias de vida começará a sair, eufórico, hiperativo... Por enquanto, nega-se a qualquer passeio.

- Quem soube lidar com mamãe, saberá lidar com Rei. Assim pensando, contrataram meus serviços.

Além do barulho do vento na janela envidraçada que dá para a escuridão do gramado onde repousa o cadáver enterrado de Mira, das pancadas das frutas que caem intermitentes sobre o telhado, ouço o ronronar do gato dormindo a sono solto.

Eu que temia uma madrugada tipo floresta de pavores, aos poucos, vou relaxando. Em verdade, um sentimento de culpa me perturba. A velha Mira tinha mesmo de ser contida? Fim de vida, queria viver daquela forma barulhenta e efusiva... Não estava em seu direito? Por outro lado, lutar capoeira aos

oitenta anos? Dançar com toda aquela disposição nas festas dos universitários? Competir no campeonato de *skate*? Uma mãe de dois filhos de meia-idade?!

Assusto-me com a idéia de que há uma morta no jardim que me odeia. Mas Mira você ia cair e quebrar a bacia! Bem... esse tipo de argumentação a magoava muito: submestimávamos sua capacidade de equilíbrio.

- Mira, você poderia morrer de um golpe de capoeira bem-aplicado! - espero não ter acordado o gato.

- Morrer por morrer, morri sem fazer o que mais desejava, porque você me impediu! - imito o falar impositivo de minha ex-cliente.

Não creio em fantasmas, mas algo me diz que serei vítima de uma *vendetta*.

Ao acordar, percebo que dormi. Não há mais escuridão. Vi, em sonho, um olho estranho, enorme, que, ao piscar, fez o vento zurrir minha face. As primeiras claridades penetram na sala e se sobrepõem à fraca luz do abajur. Não há vento. Só escuto o ronronar do Rei e admiro a profundidade de seu sono. Durmo mais um pouco. Acordo lembrando do sonho recente: um arco-íris me iluminava e me qualificava com um colorido vivo e resplandecente.

Esfrego os olhos e abro o livro de Fernando Pessoa ao acaso: “Sinto que sou ninguém salvo uma sombra”. Sombra? O sonho me fez colorido e resplandecente... Só Mira me quer como uma sombra.

O Rei ainda dorme, tenho tempo para preparar-lhe o leite. Saio a caminhar pelo gramado. Nada de vento. Prenúncio

de um daqueles raros dias de total tranqüilidade. Em frente ao túmulo, murmuro:

- Desculpe haver te julgado vingativa. O dia chegou e nada me aconteceu. Desculpe, Mira.

De bom humor, aceito atender uma nova cliente insistente ao telefone. Bernarda e Vicente não se importarão em ter a sala da casa de campo temporariamente transformada em consultório. E afinal, o próprio Freud atendia em casa. E Rei, que já tomou o leite e agora limpa os bigodes com as patinhas, também não se importará? Claro que eu não me atreverei a retirá-lo da sala. Mas Freud, que era Freud, atendia com uma cadela lhe fazendo companhia. Sim, a cadela Wolf ficava deitada no chão, por vezes roendo um osso.

- Doutor, tenho vergonha de lhe falar.

O ambiente de meu novo consultório me faz bem. Sinto-me como se fosse Freud trabalhando nos arredores de Berchtesgaden, numa casa junto a muitos pinheiros. O gato, atento, permanece sentado numa cadeira acolchoada.

- Doutor, vacilei muito...

“Há mistério em toda a chegada”, acabei de ler em Fernando Pessoa. Aquela jovem de vinte e poucos anos trouxe consigo o mistério e o suspense. Expliquei-lhe não haver motivo algum para vergonha. Tudo que me revelaria eu, com certeza, já ouvira.

- Sei que o senhor é experiente, mas...

- Nada, nada me será novo.

Insistindo, antes de expor o motivo que a fizera vir, paga meus honorários.

- Posso, posso mesmo...?

- Pode.

- O doutor não me denunciara à polícia?

Reafirmo tudo que disse sob o olhar atento de Rei e mais: que nós terapeutas somos continentes das maiores mazelas humanas.

Então, eu começo a apanhar! Nunca apanhei tanto! Acabo no chão, amassado, uma sombra.

Antes de ir embora, a moça, educada, agradece. Nunca batera de verdade em ninguém, anos e anos só lutara de mentirinha, nos treinos diários na academia. Via crescer o desejo de uma luta de verdade. Mas como fazê-lo? Temendo, num impulso súbito, atacar algum transeunte, ocorreu-lhe a idéia de contratar alguém.

- Moça... você... me entendeu mal quando eu disse que...

- não consegui concluir, voltei ao estado de torpor.

Antes de sair, minha cliente acaricia Rei e confia ter me conhecido na academia de capoeira numa ocasião em que eu fora até lá retirar de uma luta uma velhinha...

- Mira... – balbucio e retorno ao torpor.

Acordo murmurando:

- Mira... precisava me enviar essa... de vinte anos... essa lutadora de capoeira...

O silêncio volta à casa de campo. Rompido apenas pelo tique-taque do relógio da parede. Por vezes, por algum gemido meu. E por vezes, pelo riso do gato.

Mira, pare de rir! Ordeno em pensamento porque estou tão arrasado que não me vêm forças para balbuciar. Sinto que sou ninguém... uma sombra (1).

NOSSO ELEFANTE DA GOETHE STREET

No dia em que as desgraças tiverem descoberto o endereço de tua casa, muda-te.

As vozes, só as ouve na Goethe Street e apenas em frente a determinados prédios.

Vamos para lá.

Ao cruzar uma ponte do Chicago River, ligo o rádio do carro:

- *Ladies and gentlemen*, a aventura do século vinte e um começou! E o senhor? O que o senhor tem a dizer?

- Pisar com cautela, vamos entrar neste novo milênio pisando com cautela.

- E o jovem?

- Pisar? Vamos voar... Colonizar Marte! É isso aí!

- E a senhora?

- Felizmente, superamos um século que inventou a motosserra para liquidar com nossas florestas.

Conversa para desocupados. Desligo o rádio.

Alcançamos a Goethe Street e passeamos por ela lentamente, várias vezes, até concluirmos pelos edifícios de números 334 ou 331. Descemos e caminhamos pelas calçadas. As vozes que só ele ouve vêm do número 331, um edifício de apartamentos de cor acinzentada. Não é lá construção tão

velha, mas sua arquitetura revela um estilo antigo, com janelas e portas altas.

Vacilamos entre ir embora ou tentar entrar no prédio e localizar o apartamento emissor daqueles sons enigmáticos. Meu cliente não distingue se são ou não vozes humanas. Às vezes, supõe até mesmo ser um rugir de elefante. O bom senso nos faz optar pelo estudo de uma estratégia em que impere a discrição. Afinal, onde estamos a nos meter?

Meu cliente, desembargador, homem de cultura e de idéias próprias, reluta em se submeter à hipnose.

- À medida que não cruzo pela Goethe Street, e não o faço nos últimos dez anos, as vozes não me perturbam.

Resolvera pôr-se em dia com a saúde: emagrecera, reduzira o colesterol, organizara uma rotina de vida sem estresse, mas:

- Que diabos, doutor! Até quando terei de conviver com esse... esse elefante da Goethe Street?

- A hipnose, com ela, caçaremos o bicho.

Cito Platão: “Dentre as impressões que recebemos a todo o instante, algumas se detêm no corpo antes de penetrar até o espírito”. Explico:

- Ao prestar atenção à minha fala, o senhor não se dá conta de que seus sentidos estão sendo impressionados por uma série de outros barulhos que chegam da rua, pelo trajeto do ar em suas vias respiratórias, pelo ritmo de sua respiração, pelo frio, pelo calor. Se o desejasse, poderia se dar conta de todas essas informações. Nossos sentidos captam estímulos mínimos; conscientemente, nem chegamos a percebê-los. Trata-se do fenômeno da hiperestesia. No seu caso, nos

interessa a hiperestesia auditiva, ou hiperacusia. Por meio da hipnose, vamos trazer à superfície informações retidas no seu inconsciente.

Relutante, deita no divã.

Tenta levantar. Seguro-o com firmeza e faço com que tome conhecimento da histórica experiência do dr. Bremant: sob hipnose, um cliente descreveu com precisão um diálogo sussurrado que se passava fora do consultório, do outro lado da rua.

- Juro que o farei apenas detalhar os sons que ouve em frente ao número 331 da Goethe Street. Nada, nada mais será vasculhado!

Enquanto aquele homem alto, magro, de bigode bem aparado e bem tingido de cor preta, entra em sonambulismo, eu percebo em mim aquela excitação típica de quando entreabro a porta de um inconsciente ainda inexplorado, virgem de qualquer outra penetração técnica. Nesses momentos, meu queixo aponta em diagonal para o céu. Quem me visse, erroneamente, deduziria se tratar de homem de queixo erguido. Ao contrário, faço parte daquelas pessoas comuns das quais é difícil descrever até mesmo a aparência: nem alto, nem gordo, pescoço nem curto nem comprido. Um tique nervoso me faz levantar uma asa do nariz e tenho o mau hábito de repetir a palavra *bem*. Ia esquecendo: a tensão provoca em mim um sono invencível. Bem... O desembargador está inquieto, esfrega as mãos com força contra o abdômen.

- Faze ao outro o que ele deseja fazer-te. E faze-o primeiro.

O desembargador comprime o abdômen como se desejasse vomitar. Kant e Hegel escreveram sobre a leitura pelo estômago. Quantos acreditam ouvir vozes que saem do estômago?

Descobrimos que o som ouvido na Goethe Street é a voz rouca de um homem que repete em tom imperativo: “Faze ao outro o que ele deseja fazer-te. E faze-o primeiro”.

Faço meu cliente passear pela sala como se passeando estivesse na calçada defronte ao número 331 e, com uma folha de papel enrolada na forma de tubo e colocada no ouvido mais funcional, dirigir a escuta andar por andar. Terceiro! Terceiro andar! Mas qual o apartamento?

O desembargador, contrariando minha vontade, abandona, apressado, meu improvisado consultório no Chicago Marriot Hotel. Telefonará dentro de um ou dois dias.

O que fazer? Tenho pressa em desvendar o caso e voltar para minha cidade, para meus clientes, para minha namorada. Namoro em fase inicial. Janaína não permite que a chame “namorada”; irrita-se, tapa minha boca com mãos enérgicas. Sim, Janaína é seu nome.

O meu? Chamo-me B.J., um terapeuta pós-moderno que, impedido pelos testes de seleção de participar do ensino formal, tornou-se um autodidata na ciência do comportamento. Quando especialista nenhum resolve, é a mim que procuram. Se falho, só resta o pântano habitado pelos charlatões, videntes, magos, milagreiros. Sou a fronteira entre a ciência e a magia.

À noite, assisto, creio que pela quarta ou quinta vez, a George Clooney em *The Pacifcator*. Agrada-me muito a cena

em que George Clooney e Nicole Kidman saltam através de uma vidraça, fugindo de uma bola de fogo de uma explosão no centro de Manhattan.

No dia seguinte, andando sem rumo por Chicago, acabo no Lincoln Park.

De repente, um impulso me leva à Goethe Street. Determinado, procuro o zelador do prédio 331. Prometera para amanhã, invento, a entrega de uma encomenda. Terceiro andar, porém, não recorro nem o número do apartamento nem o nome do cliente.

- Stephen King? João Mader? A voz do primeiro é rouca? Voz de elefante? – Brinco.

É Stephen King? Ora, ora, claro que não é o autor de *The Shining*. Retiro-me confuso. À noite, aperto no interfone do Stephen King.

- Venho a mando do Stephen King, do escritor. Quer ele contatar com todas as pessoas dos Estados Unidos que possuem nome igual ao dele. Desculpe aparecer sem avisar. São muitos os Stephen Kings e eu recebo por tarefa.

Acabo sendo recebido por um homem de meia-idade, de expressão morna no olhar, rugas horizontais na testa e voz rouca. Da poltrona empoeirada, observo objetos aos pedaços: abajures, aeromodelos, caixas de som. Pela desordem, deduzo tratar-se de solteirão, desses que nunca recebem visitas.

- Existem virtudes que só podem ser exercidas quando se é rico – insinuo vantagens em bem atender o enviado do escritor, no caso eu.

- Nada se recebe de graça.

- O escritor gostaria de saber alguns detalhes da vida de seus homônimos. Talvez queira escrever algo a respeito. Quem tiver vivências interessantes.... Seus livros vendem muito e o escritor é muito generoso.

- Como ele me descobriu?

Quase respondo: *Whowhere* na Internet, mas me calo. Esse homem obviamente se refere não apenas à descoberta de seu nome, mas, provavelmente, de sua vida íntima, de sua misteriosa vida íntima. Terá a consciência de que pode ser um bom personagem para um livro de ficção? Arrisco:

- O escritor é decididamente um homem fora do comum. Nunca escreveria uma simples autobiografia, por exemplo. Não será bem mais interessante uma autobiografia dos Stephen Kings? Ou, pelo menos, daqueles que possuem algo misterioso e terrorífico a contar?

- Quem não tem mistérios terroríficos hoje em dia?

- Concordo. Alguns deles nós nem lembramos, mas estão armazenados em nosso inconsciente.

Seus olhos se dilatam. Desponta um sorriso no canto do lábio.

- Minha vida é mais instigante que todos os personagens do Stephen King.

- Algum personagem se assemelha a você?

- Talvez, talvez um. Não gosto de falar de mim e tenho memória curta.

- Bem, não lhe contei, mas sou hipnotizador. Com esta técnica poderíamos nos concentrar em suas memórias.

- Você é da polícia?!

- Você é um elefante?! Ah! Ah! Você notou que sua voz se parece ao rugir de um elefante? Ah! Ah!

Stephen Elefante, assim passo a denominá-lo em meus pensamentos, abre a porta do apartamento. Detestou ser comparado a um elefante?

- Sei que voltará – sentenciamos.

Contente, presenteio-me com jantar no Gaylord India, na Clark Street. Enquanto aguardo a culinária Tandoori, junto as informações até agora colhidas.

Stephen Elefante não só conhece a obra de Stephen King como admite semelhanças com um personagem. Qual?

Degluto um longo gole de água.

Um personagem que tem um destino a cumprir. Teme a polícia? Stephen Elefante comete crimes? Em geral, o infrator desperta a desconfiança da mulher, da namorada, do companheiro de apartamento... A polícia investiga e não falta alguém íntimo que diga: “O fulano é mesmo meio-estranho”. No caso, a ocultação é fácil, vive só.

Janaína gosta de ler, lembro.

- Alô! Não desligue! Não falei aquela palavra bonita que você odeia.

Além de, após muita insistência minha, ouvir que ela me ama, consigo a informação de que o personagem de Stephen King que procuro talvez se encontre no romance *Dolores Claiborne*.

Quem teria um exemplar para me emprestar? O gerente? Um garçom? Alguém da cozinha?

Saio do restaurante com um exemplar do livro em minhas mãos, comprado de um cozinheiro.

No hotel, devoro as primeiras dezessete páginas. Tenso, caio no sono. Acordo pela madrugada e concluo a leitura. Dolores Claiborne mata Joe St. George, seu bêbado marido, sábado, dia de eclipse total do sol, derrubando-o num poço.

Qual minha decepção quando, na portaria do hotel, encontro um envelope do desembargador. Paga todas as minhas despesas com hotel, passagens aéreas, alimentação, metade dos honorários combinados e encerra nosso contrato. Que eu continue o trabalho sozinho, se assim me aprouver. Caso algum dia ele passe pela Goethe Street e nada ouça, fará chegar a minhas mãos o restante dos honorários.

No desjejum, decido: não sou profissional de deixar um serviço inconcluso.

Procurarei o Stephen Elefante e direi: assim como Dolores Claiborne, você matou. Direi para causar impacto e manter o interesse dele em minhas visitas. Numa dessas, com certeza, conseguirei hipnotizá-lo e desvendar o segredo das vozes.

À noite, dirijo-me para o número 331. Penso em abrir o jogo e falar sem rodeios nas vozes.

Do carro, percebo luzes acesas no apartamento. Aperto longamente o interfone. Inutilmente. Recuo alguns passos, olho para cima. As luzes se apagam. Insisto e nada. Volto ao automóvel e espero. As luzes se acendem. Desço e aperto novamente o interfone. As luzes se apagam.

De banho tomado, atirado sobre a cama, pareço um adolescente eufórico. Estou na pista certa. Stephen Elefante tem algo a esconder.

Na noite seguinte, sou recebido e, no mesmo instante em que me acomodo na surrada poltrona da sala, vejo uma serra elétrica depositada sobre um frizer novo. Já é tarde. Dois braços mecânicos me envolvem à altura dos braços e do tórax. Contenho grito de pavor: Stephen Elefante cala minha boca com fita adesiva.

- Faze ao outro o que ele deseja fazer-te. E faze-o primeiro – Stephen Elefante repete umas três ou quatro vezes essa frase enquanto, com algum esforço, carrega a serra elétrica nos braços.

Senta bem à minha frente, com aquele terrível aparelho descansando sobre o colo.

- É o terceiro... a cada cinco anos aparece um. Mas “faze ao outro o que ele deseja fazer-te. E faze-o primeiro”. Ontem não existia condições. A velha serra elétrica havia enferrujado. O velho frizer não refrigerava a contento.

Sacudo a cabeça. Faço com o queixo no ar o desenho de um ponto de interrogação.

- Por que vou te matar? Já disse: “Faze ao outro...”
Sacudo negativamente a cabeça.

- Não é isso? Se gritar...! – Retira cauteloso o adesivo de minha boca.

-A pergunta é: por que querem te matar?

- Por que querem me matar? Não sei.

- Tem curiosidade em saber?

- Um pouco. Tenho um pouco de curiosidade.

- Onde pode encontrar a resposta?

- Em você, claro.

- Fui enviado até você.

- Não me venha com a história do Stephen King. Telefonei para o Stephen King. Propus que ele contatasse com todos os seus homônimos. Achou interessante, nunca havia tido essa idéia.

- Não. Refiro-me ao homem que, de fato, me contratou, que diz ouvir vozes roucas quando passa de carro pela Goethe Street defronte ao número 331.

- O que você sabe?

- Conscientemente, pouco. Nem sabia existir plano para te matar. Mas... em meu inconsciente... provavelmente nele residem todas as respostas.

- Hum...

- Meu contratante conviveu muitas horas comigo, e o inconsciente, você sabe, grava tudo...

- Responda: por que antes de morrer alguém resolve colaborar com seu assassino?

- Há algo mais interessante para mim nos minutos que me restam?

- Não, não há.

- Após a morte, permanecemos vivos na memória das pessoas. O resto é o pó, o nada. Se lhe for útil, permanecerei vivo por algum tempo na sua memória. E isso é sobreviver um pouquinho. Neste instante, é o máximo que posso fazer por mim.

-Não estou matando pessoa normal, disso tenho certeza...

- Posso morrer com os segredos...

- Levarei uma hora para te serrar e te colocar no frizer, e costumo dormir cedo. Portanto, fale de uma vez.

- Meu inconsciente virá à tona com todas as informações se eu me auto-hipnotizar.

- Hum...

- E, de mais a mais, prefiro ser serrado sob o efeito analgésico da hipnose.

- Certo. Você se auto-hipnotiza. E eu? Como vou colher os dados...?

- Fazamos em conjunto. Uma auto-heterohipnose. Repita as palavras de ordem que passarei a dizer e, assim, você me comandará.

Cai como um pato. Ao repetir minhas palavras de ordem, entra em sonambulismo. Primeiro, faço-o me desamarrar. Depois, parto para investigar seu mundo interior. Filho de pai alcoolista, me fez lembrar de *The Shining*. A mãe, muito voltada para a ordem e o dever, educou-o, desafortunadamente, a cumprir até o fim toda e qualquer tarefa.

Deixo-o em sono profundo e vou à cozinha em busca de uma bebida gelada. No banheiro, lavo o rosto. Não aciono a descarga do vaso sanitário.

Evitando todo e qualquer barulho, continuo meu trabalho. Quando pequeno, desejou que a mãe matasse o pai alcoólatra. Por ironia do destino, adulto, passa a viver com uma mulher alcoólatra. Mata-a, não num poço, como o fez Dolores Claiborne, não os há em apartamento. Afoga-a, bêbada, na água da banheira. Serrados e conservados no frizer, aos poucos, seus pedaços vão sendo desovados em lixeiras no Lincoln Park. Desde então, opta por vida de ermitão.

O isolamento permanente atrai sobre si a desconfiança dos paranóides que, por temor, tentam matá-lo. “Faze ao outro o que ele deseja fazer-te. E faze-o primeiro”. Meu pretensão assassino, sendo paranóide, norteia pelo mesmo lema sua conduta. É eficiente.

Interessante a fixação do desembargador pelo número 331 da Goethe Street.... Também ele compõe o bloco dos paranóides: medo de deitar no divã, de permitir que seu interior seja examinado; fugiu de mim, de quem se propunha a observá-lo por dentro, ouve vozes.... Cansado, resolvo me retirar para o hotel. Antes tenho o cuidado de colocar Stephen Elefante em sono profundo, ordenando que assim permaneça pelas seguintes doze horas, tempo suficiente para meu retorno.

Como um George Clooney escapando do fogo, vivi de novo. Avisarei a polícia. Antes, porém, completarei a investigação. A questão das vozes intriga-me. Após um sono hipnótico de algumas horas, atingimos as camadas mais profundas do inconsciente do hipnotizado. Com certeza, na manhã seguinte, o cérebro de Stephen Elefante revelará tudo que eu quero saber.

Dormi o sono dos justos. O banho, o desjejum, e aqui estou eu cantarolando na direção. Para completar, recebo pelo celular um telefonema de Janaína, raro acontecimento, sou sempre eu a fazer contato. Conversamos animadamente enquanto dirijo por uma Chicago ensolarada. Cruzo por uma ponte do Chicago River. Dias velozes tenho vivido.

Paro numa sinaleira. Batidas no vidro da janela.
Repórter de rádio:

- *Ladies and gentlemen*, a aventura começou! Em pleno século vinte e um, o que o senhor está fazendo?

- Bem.... Nada demais. Estou indo acordar um assassino.

Sinal verde. Acelero.

Continuam com essa vã filosofia de desocupados! Opa! Entrei na transversal errada. Pior ainda: há uma operação policial. Assalto a banco com reféns, é o que parece. Faço o retorno rápido! Uma viatura da polícia me alcança: detido e algemado.

O engano se desfaz ao final do dia. Corro ao número 331. Tarde demais: Stephen Elefante sumiu, levando consigo os móveis e tudo o mais.

Conto à polícia? Depois do recente mal-entendido...?

Nada mais a fazer.

Fecho a mala, pago a conta e espero meu vôo no Midway Airport. Os dias de minha vida são tão velozes que fogem de mim.

De volta à minha cidade, à rotina do trabalho, às tentativas frequentemente frustradas de namorar Janaína, os fatos vão se organizando em minha mente. Stephen Elefante assemelha-se ao Courtland Mead do *The Shining*. Ambos filhos de pai alcoolista. Ambos paranóides. No filme, o que vemos? Toda a imaginação do menino Courtland Mead no que se refere aos possíveis ataques perigosos de seu pai alcoolista, Steven Weber. Qual seu desejo? Que Steven Weber morra. E Steven Weber explode junto com a caldeira do Overlook Hotel. Conclusão: Stephen Elefante deve desejar matar seus perseguidores imaginários através de explosões.

Outra observação: para um menino pequeno, o pai, de tão grande, não parece um elefante? Espere aí, o termo *elefante* quem introduziu fui eu. Trata-se de minha imaginação apenas.

Por que vezes saídas do estômago?

Recebo um cheque: o desembargador, de passagem pela Goethe Street acompanhando uma comitiva de juristas, pela primeira vez em mais de uma década, não ouvira vozes.

Devo aceitar tal pagamento? Afinal, ocorreu apenas uma mudança de domicílio. Por outro lado, há trabalho meu. Mais ainda: é bastante provável que o problema se resuma ao cérebro do desembargador. Uma acentuada hiperacusia localizada na captação de determinado timbre específico de voz humana: rouca, que faz lembrar um elefante.

Janaína aceita o convite para jantar no mais caro restaurante da cidade, fato que me faz ligar a ignição do carro e.... aceitar o cheque do desembargador.

Ao passar por determinada rua ouço vozes. Freada brusca. Desço. Caminho pelas calçadas. Ouço vozes apenas defronte a determinado número, número ímpar. Rouca, parece o rugir de um elefante. Com esforço, posso distinguir certas palavras: "...faze-o primeiro". Tomado por súbito pavor, faço cantar os pneus de meu carro. Nem leio o nome da rua: Stephen Elefante vizinha comigo! O desembargador está definitivamente curado.

Saia azul-transparente-esvoaçante, Janaína, nunca a vi tão esplendorosa. Tento esquecer a recente e perturbadora descoberta. Janaína está receptiva. Stephen Elefante, com certeza, elabora planos para mim. Minha namorada está educada comigo. Seus olhos azuis, a doçura de um céu. Sonho

só parecido ao daqueles cada vez mais raros filmes românticos. Escolhi o mais caro restaurante de propósito, para impressioná-la. Esse foi meu erro.

Em ambiente tão refinado, bebe-se champanha. Absurdo o quanto se bebe de champanha! Distraído, enlevado pela leveza do olhar receptivo de minha namorada, sou pego de surpresa por estouro quase uníssono de várias rolhas dessa maldita bebida barulhenta! Stephen Elefante!? Atiro-me sobre Janaína buscando protegê-la com o corpo!

Passado o susto, coloco minha namorada de volta na cadeira.

Não me contenho, outro erro meu, e revelo-lhe o quanto me orgulho de minha atitude.

- Janaína, sou humano, muito humano. Acabo de oferecer meu corpo aos artefatos de uma bomba para, assim agindo, proteger a vida de outro ser, no caso você.

- Como? – Pergunta sem sinal de ternura na voz.

- Você não pode compreender, te faltam dados – ergo a taça de champanha virada sobre a mesa e continuo - Sofro ameaça real de, a qualquer momento, ser alvo de potente artefato, tipo explosão de uma imensa caldeira, de voar estraçalhado, a cabeça saltar por aquela janela, o pé direito grudar neste belo teto... essas coisas comuns nesse tipo de ocorrência. Trata-se de um homem de voz de elefante...

- Como?! – Exclama em tom deselegante se considerarmos o ambiente.

- Trata-se de um caso de transferência de conflito, de prognóstico mau, tipo mortal-paranóide. Mudança de alvo de meu cliente de Chicago para este que te fala. Ossos de quem

trabalha no ramo – completo sem esconder uma ponta de orgulho. – Afinal, nesta vida, todos temos nossas ameaças.

- Como?! – Esbraveja minha mal-educada namorada, a ponto de novamente os presentes se voltarem para nós. A primeira vez foi há pouco, quando eu me joguei sobre ela.

- Todos temos nossa voz de elefante a nos perseguir. Diria mais, todos temos um elefante, sim, um verdadeiro elefante prestes a nos atacar...

- Você! Você! Você sabe que pode ser explodido e.... e.... e me convida para jantaaaaar!!!

Grosseira, agarra sua bolsa.

Tento retê-la com elogios: acertara quanto ao livro de Stephen King, este meu cliente tem, sim, algo a ver com Dolores Claiborne...

Num único movimento, Janaína alcança a rua, um táxi, outro bairro!

Resta-me auxiliar o garçom. A incompreensão humana já está a contaminar o século vinte e um.

- Nada demais, nada demais - murmuro procurando me conformar.

Janaína nem boa leitora é. O caso tem mais a ver com *The Shining*, com explosão e fogo do que com *Dolores Claiborne*, com afogamento em poço em dia de eclipse.

Enquanto pago a dívida no escritório do gerente do restaurante mais caro da cidade, repassando-lhe todo o valor recém-recebido do desembargador de Chicago, concordo com Balzac: “É preciso ser gênio para ser feliz no amor”.

- Sempre soube que excesso de aproximação acaba em animosidade. (2)

NA GANGORRA COM VOVÔ

Nada está errado sempre. Até um relógio parado está certo duas vezes por dia.

Vasculhei, sob hipnose, seus inconscientes: não encontrei ódio além do habitual entre irmãos. Cássio, um ano mais velho, era mais detalhista em suas descrições. Cassiano recordava com maior alegria sua infância. De resto, eram em tudo semelhantes: sem muita cultura, mas sensíveis, inteligentes e dedicados ao trabalho. Relações normais com a figura materna. Alguma competição com o pai, de quem herdaram a padaria. Uma foto dele, antiga, dependurada na parede da entrada, bem visível, denunciava gratidão. E como eram parecidos os três: ossudos, corpulentos, rostos largos de bochechas risonhas. Portanto, nada que explique o porquê de dois irmãos não poderem experimentar ao mesmo tempo a força da libido. Quando um está sexualmente a mil, o outro está



a zero. Quando um está de pé, o outro está deitado, falo em sentido figurado, é claro.

Compareceram a meu consultório na seguinte situação: Cássio, ok; Cassiano, impotente. Ou era o contrário? Aquele que está bem, normalmente, mostra-se reticente em comparecer aos tratamentos. E comigo a situação piorou.

Explico.

Propus a ingestão de *Viagra*. Pelo resto dos dias, transar somente mediante o uso de um medicamento?! Ouvi dois não!

Então, usando do poder autoritário do hipnotizador sobre o hipnotizado, tentei, sem êxito, que ambos entrassem em ereção ao mesmo tempo.

Impossível nominá-los no mesmo instante. “Cássio e Cassiano, eretos!” “Cassiano e Cássio, eretos!” O primeiro começa o processo psicofisiológico frações de segundo antes que o outro, que, por isso, não reage.

Após quase duas horas de trabalho, sentindo-me fracassado, resolvi acordá-los. Naquelas alturas não lembrava qual deles estava potente quando da chegada ao consultório. Troquei, sem querer, um pelo outro.

Cássio revoltou-se comigo e Cassiano, como estava ok, não mais quis procurar tratamento.

Dormi mal. Vocês podem supor o espírito esboralhado, a auto-estima caída do profissional consciente de que errou.

Revido *Com Air*, com Nicolas Cage se safando do fogo da explosão em aeroporto semi-abandonado, animo-me a visitar os irmãos padeiros.

Cássio, tomado por raiva incontida, agarra-me pelo colarinho e me empurra para dentro da sala dos fornos de fazer pão. Ato contínuo, ameaça se matar, fazendo lembrar Nicolas Cage frente a Cher no filme *Moonstruck*. Joga sobre mim três bolos de massa de pão. Nunca, em padaria nenhuma, havia passado por tamanha humilhação.

- Não projete nos outros a causa de teus problemas! – Grito.

Colocação infeliz: sou projetado porta afora.

Taciturno, desacorçoado, paro de assediar Janaína. Minha libido evaporou. Por culpa, deduzo, introjeto os sintomas de meu cliente.

Lenitiva compreensão! Minha libido ressurgiu pronunciada! Estranho que, com ela, me vem o desejo de ridicularizar Cássio. Sádico, eu?

É sadomasoquismo! Sim, é sadomasoquismo que alimenta essa perversa relação entre irmãos.

Volto à padaria C & C.

Para minha surpresa, Cássio cantarola atrás do balcão.

- Doutor, meu irmão.... Ah! Ah! – Encolhe o dedo indicador. – Vá aos fornos, vá aos fornos! – às gargalhadas, me empurra para dentro.

Não preciso dizer que Cassiano me jogou massa de pão, fez uma cena em que ameaçava se furar com uma faca grande; enfim, Nicolas Cage em *Moonstruck*. Para completar, literalmente, me jogou para fora da padaria.

O busílis da questão é descobrir o instante exato em que, pela primeira vez, os dois irmãos experimentaram o prazer

sadomasoquista. Como hipnotizá-los? O potente se negará; o outro jogará massa de pão.

Ao final da tarde, segundos antes de as portas se fecharem, entro na C & C. Cassiano, feliz, conta o dinheiro arrecadado. Rindo, me manda “aos fornos”.

Avanço decidido porta adentro. Não concedo um segundo à reação de Cássio. De imediato, agarro-o pelo pescoço e imobilizo-o com o joelho, comprimindo com força sua coluna lombar. Tapo-lhe a boca com a mão esquerda. Bem que tenta se soltar, mas eu estou grenado e forte! Meu golpe traz a vantagem de minha boca encostar em sua orelha direita. Hipnotizado, reclino-o sobre a mesa de sovar massas.

Encontro Cassiano, já sem o enfarinhado avental branco, alisando os cabelos. Sorri. Borrifa perfume em seu antebraço esquerdo:

- Sinta o aroma, meu doutor. Aprenda qual néctar seduz Vênus.

Sorte minha. Posso, assim, chegar próximo o suficiente para pegá-lo pelo pescoço e firmá-lo imóvel com meu joelho em sua coluna. Levo mais tempo que o habitual para induzir o sono hipnótico. Não por falta de perícia, mas por cansaço, por cansaço físico.

Tenho o cuidado de mantê-los afastados, um nos fornos, deitado sobre a mesa de sovar massas, e o outro na sala de vendas, sobre o balcão. Em separado, vasculho seus inconscientes em busca do primeiro prazer sadomasoquista. Pasmem, que situação mais corriqueira! Em ambos, descubro a mesma história: brincavam numa gangorra localizada junto ao muro que dá divisa à casa vizinha. Ora um, ora outro no alto

da gangorra. Determinado dia, ambos viram, pela primeira vez em suas curtas existências de crianças, a ereção ser motivada pela visão do belo corpo semidesnudo de uma mulher. O irmão, que ocupava o alto da gangorra, via por cima do muro a mulher do vizinho junto à piscina. O outro, embaixo, esperava sua vez fazendo peso para manter a gangorra na posição. Tal tarefa exigia esforço, gastava energia, enfraquecia a libido. No alto, a ereção; embaixo, a espera pela vez. Nunca em ereção juntos. Um experimentava o prazer sádico de ver o outro frustrado, fazendo o contrapeso.

Situação pueril! Todavia, nada ouço de mais complexo que explique seus sentimentos sadomasoquistas ligados à sexualidade.

Retiro-me sem temor de represálias: ordeno a ambos nada lembrar.

As causas, eu já as sei. Mas e a cura?

São dados ao drama, medito, que o provem as cenas infantis junto aos fornos de fazer pão. Conclusão: devo empregar a técnica da dramatização, genialmente criada por Jacobo Levy Moreno. Reviver conflitos passados representando-os hoje.

Porém, como operacionalizá-la?

A resposta vem esperta numa visita à casa de meus avós. Vovô no jardim, vovó e eu na sala de estar, encantados com Plácido Domingo em “My life for a song”. Chá preto com trouxinhas de tâmaras.

O telefone chama.

Reduzimos Plácido Domingo a murmúrios. Vovó pede mil desculpas a alguém cuja voz sai tão gritada do aparelho a ponto de eu, a metros de distância, temer por meus tímpanos.

- Seguidamente, incomodam-me esses telefonemas nervosos.

Vou ao jardim: vovô, parcialmente escondido sob um arbusto, espia por cima do muro o banho de sol da mulher do vizinho. Seios à mostra, movimentos sedutores, vovô tem bom gosto.

Anoitece. Um vaga-lume! Voa para aonde? Ele não quer ir, nem ficar, é apenas o hábito de voar.

Acendem-se as luzes e com elas meu tirocínio. Dois ou três arbustos, a estátua do anão... há espaço aqui no jardim para uma gangorra junto ao muro e... o *setting* estará montado. A sessão de dramatização poderá ser realizada.

Convenço vovó a oferecer um chá às suas amigas da terceira idade, a “melhor idade”. Há uma padaria, a C & C, com tortas maravilhosas.

Vovó faz as encomendas aos, com ela, solícitos Cássio e Cassiano.

- Há um potencial enorme de vendas de tortas entre suas amigas da “melhor idade” – comento alto com a intenção de provocar interesse nos padeiros.

Vovó, educada como sempre, convida-os a se fazerem presentes e a se divulgarem entre suas amigas.

Infelizmente, no dia do chá, chove. Cássio e Cassiano apenas vêem a gangorra pela janela envidraçada da sala de estar.

Repito tudo. Desta vez vovó me obriga a pagar as despesas com a padaria. O tempo colabora e o encontro se faz no gramado do jardim, junto à bela gangorra. A tática de colocar poucas cadeiras funciona: após algum tempo em pé, Cássio e Cassiano acabam sentando sobre a gangorra. Qual não é minha felicidade quando vejo vovô espiando por cima do muro, parcialmente escondido nos arbustos. Tudo em seus lugares!

Voltando da toailete, havia ingerido muito chá preto e comido uma dúzia de *ataifes*, vejo Cássio e Cassiano às gargalhadas a se embalarem naquela prestadia gangorra estrategicamente assentada junto ao muro. Assim que um deles vê a bela vizinha semidesnuda e sinaliza ao outro com o dedo indicador ereto, desencadeia-se espontaneamente o drama terapêutico. Apenas observo, discreto, como todo bom terapeuta.

É visível que, quando estão na parte alta, algo cresce na pélvis daqueles irmãos padeiros. Quantas gargalhadas. Gargalhadas sádicas dirigidas ao outro que aguarda a vez. Este, no solo, irritado, despaciente, nada cresce em sua pélvis.

Reproduzi, com astúcia e sorte, uma cena infantil de alto potencial corretivo na vida daqueles dois sofridos seres humanos. Basta dar-lhe um final construtivo, diferente do original. Como proceder? Como fazer para que os dois mantenham a ereção ao mesmo tempo? A solução não me vem.

Vovô adere à brincadeira. Ora é Cássio e Cassiano que se embalam na gangorra, ora é vovô e Cássio, vovô e Cassiano.

Quando dou por mim, também estou na gangorra. Todos nos revezamos e experimentamos o prazer sádico de ver

a espera angustiante dos demais. Quando chega novamente a minha vez, tenho a brilhante idéia de subir na gangorra tendo ao colo o anão do jardim.

- Bem... subam os dois – ordeno sorrindo aos irmãos padeiros – Nesta ponta, o anão e eu garantimos.

Agarrado ao anão, lanço do alto da gangorra uma sádica gargalhada e minha pélvis cresce.

- O anão endureceu! - Grito. – Vocês todos aí embaixo: oh! – Faço o tradicional sinal com o dedo indicador dobrado.

Cássio e Cassiano, assim que alcançam o alto da gangorra, riem muito, ambos com a pélvis avolumada. Alegres e unidos e, pela primeira vez em toda sua vida, eroticamente sintonizados. Pela primeira vez, experimentam ambos e, ao mesmo tempo, tesão por mulher.

De repente, para surpresa minha, de vovô, da vovó, das amigas da “melhor idade” presentes ao gramado, os irmãos padeiros saltam lá de cima da gangorra e, com a pélvis crescida, passam correndo entre os presentes, pulam a grade que dá para a rua. Cantam pneus de carro.

Vou à calçada: nenhum sinal deles. Fuga para a saúde, é a expressão que me vem à mente.

Durmo contente nessa noite, só nessa noite. Pasmem: quem não alcança a ereção agora sou eu. Mais um caso de transferência. Procuo compreender o fenômeno com o intuito de desfazê-lo. Nada. Submeto-me à auto-hipnose, nada.

Aos poucos, vou me retraíndo. Paro de insistir com os convites à Janaína. Ideias geladas, tremendamente frias cobrem de neve meus sonhos e minhas esperanças. Passo a frequentar

mais assiduamente a casa de meus avós, uma espécie de retiro para mim.

Certo dia, mãos nos bolsos, à toa, dou alguns passos na calçada em frente. Figuras risonhas andam animadas por conversas alegres. A rua está feliz, coberta de sol, calorosa. Tomado por súbita raiva, aciono a ignição de meu carro!

Cássio e Cassiano empregam quatro novas funcionárias. Todos sorriem. Qualquer coisa que um diz, por mais sem graça que seja, provoca explosões de risadas incontidas. Ao me verem, a alegria do grupo se torna ainda maior.

- Aos fornos, doutor. Ah! Ah! Ah!

Cássio pára de sovar a massa e me abana: o dedo indicador dobrado. Cassiano também mostra a mão com o dedo indicador dobrado. As funcionárias, idem. Não é necessária perspicácia alguma para concluir que se trata de uma cena sádica. A asa esquerda de meu nariz ergue-se.

- Broxa?! Eu?! Sim, não nego. Peguei a broxura aqui, nesta padariazinha...

As gargalhadas são tão estridentes que nem mesmo eu ouço o restante de minha frase. Descontrolado, faço uma cena de dramatismo infantil, tipo Nicolas Cage em *Moonstruck*.

Um domingo de tarde, um dos tantos passados no refúgio da casa de meus avós, triste, comendo trouxinhas de tâmaras com enfado, ouço mais uma vez minha avó se queixar:

- Você cura todo mundo, e o teu avô? Olha lá, de novo espiando. Um tarado!

Janaína telefona: quer sair para jantar e para muito mais. Procura-me agora que não a procuro. A vida é feita às avessas. Fujo de uma bela mulher, vovô, coitado... um tarado.

Um tarado! Ergo-me de um só pulo. Um tarado! Num clarão de inteligência, convido vovô a sair detrás do arbusto e a andar de gangorra comigo. O pobrezinho aceita.

Quando me localizo na parte alta, a vizinha com os seios, apetitosos seios, expostos ao sol e aos meus atilados olhos, quando em minha pélvis algo se avoluma, quando a impaciência do vovô fazendo peso lá embaixo chega ao limite: pulo da gangorra, vôo por sobre a grama, salto a grade que dá para a calçada da frente, os pneus de meu carro cantam mais que Plácido Domingo em “My life for a song”. (3)

A DESAFORADA

Há punhais no sorriso dos homens.

- Ao fazer amor, Marta, minha mulher, disca ao acaso para um número qualquer e a quem atende, seja lá quem for, por entre gemidos de prazer, diz palavrões e outras ofensas mais.

Cabelos loiros, compridos, barba curta, de fala macia, calmo, diria até lento no articular das sílabas e nos gestos, o preocupado marido de Marta descreve-a como jovem, bonita e incapaz de qualquer maldade.

- Doutor, homem nenhum aguenta fazer sexo tendo sempre a mulher ao telefone.

Durante o primeiro ano de casados, ele a considerara agressivamente *sexy*. No segundo, a previsível rotina principiou a enfadá-lo. No terceiro, implorara por mudanças. No quarto ano, começaram as terapias, terapias às quais só ele comparecia. Marta temia mudar e não mais alcançar orgasmos tão prodigiosos.

Discava aleatoriamente para números variados. Ninguém a identificaria, era o que pensava o marido. E assim vinha empurrando com a barriga a enfadonha vida sexual de casado.

- Não é a vida que todos levam?

Com a mulher ao celular dizendo desaforos? -Pergunto-me em silêncio. Sim, Janaína bem que seria capaz disso.

- Na semana passada, doutor, houve uma festa entre os funcionários na escola onde trabalho como professor de *tae kwon do*. Muita bebida. À certa altura, as brincadeiras de adivinhação. Quem fala assim ao telefone? E assim? De repente, nosso mestre supremo imita a voz de uma mulher que, entre gemidos de prazer, diz palavras espetaculares. Pesado silêncio, doutor. Pesado silêncio seguido por olhares unânimes em minha direção.

O marido de Marta acabara de mudar sua residência para outro bairro. Assumira trabalho em outra escola.

Sentia-se enganado por muitos terapêutas, pois nada daquilo que haviam sugerido resultara útil. Pensava até em processá-los.

- Há esperança, doutor?

Coço o queixo e, num daqueles momentos de onipotente bobeira, afirmo:

- Bem... só não há esperança na morte.

O marido de Marta faz absoluta questão de me pagar adiantado. Aceito, pois estou precisado. Erro, grande erro meu.

Minha primeira atitude é telefonar oito, até doze vezes por dia para Marta, insistindo para que venha a meu consultório. Assim se passaram vinte dias. Pelo tempo que perdi nesses telefonemas, o valor que cobre em honorários já se tornou aviltante. Marta, pacientemente, refutou todos os meus argumentos com um só: pressentia que mudando de conduta, nunca mais alcançaria seus já afamados orgasmos.

- Não havíamos considerado, em nenhum momento, a possibilidade de desistência - diz-me o marido de Marta ao não aceitar o dinheiro de volta.

Consigo da companhia de telecomunicações todos os telefonemas emitidos pelo aparelho celular de minha cliente. A companhia já possui um dossiê sobre o caso, tantas foram as reclamações recebidas.

Passo noites e noites conferindo os números discados nesses anos todos e descubro que há dois grupos distintos de telefones: um, numeroso, composto pelos pouco discados; outro, muito discado, composto por apenas dois números. Estes dois têm recebido mais de mil ligações cada um. Sim, mais de mil ligações em apenas cinco anos!

Um número corresponde ao de um posto de gasolina. O outro, ao de uma escola de lutas marciais. Não revelo esses dados ao marido de Marta, mas peço-lhe que antes de iniciar qualquer relação sexual me telefone avisando. Quando isso acontecer, estando próximo ao posto de gasolina, irei até ele; se próximo da academia, irei até a academia.

O frentista que examina o óleo do motor de meu carro, assim que ouve o chamado do telefone, larga tudo e corre. Vou atrás. Ponho o pé na porta, impedindo que a feche.

Assisto de camarote à cena. Só ele e eu naquela pequena sala repleta de aditivos para motor, latas de óleo, flanelas amarelas. Aquele homem de uniforme manchado, mas de boa aparência, ignora minha presença enquanto responde aos gemidos e às ofensas de Marta, com gemidos e ofensas. E que ofensas!

Concluído o telefonema, o frentista relaxa na cadeira de olhos fechados. Aproveito a situação inusitada para hipnotizá-lo. A ideia que rapidamente me vem à cabeça é: conhecendo o conflito que o leva a gostar desse tipo de coisa, conhecerei o conflito de Marta. Óbvio: os dois apresentam o mesmo problema-prazer. Infelizmente, não consigo fazê-lo entrar em sonambulismo.

Desisto e busco sua colaboração revelando conhecer a mulher com quem há anos troca orgasmos-ofensas. Que me permita hipnotizá-lo. Aceita. É dessas pessoas que absolutamente não se importam em se expor; dessas pessoas indiferentes a tudo e a todos. Quantos, assim como eu, já o assistiram trocar ofensas com Marta?

Infelizmente, mesmo com sua boa vontade, não consigo hipnotizá-lo, por mais que tente diferentes técnicas. Cinquenta por cento das pessoas não são hipnotizáveis.

Passados alguns dias, ocorre-me a idéia de reunir frente a frente Marta e o frentista. Algo acontecerá. O quê eu não sei.

Por telefone, desperto a curiosidade de Marta. Apenas faz uma exigência: que eu nada conte a seu marido. Quanto ao frentista, tudo bem, irá ao encontro sem exigir condições e, para ele, tanto faz o marido de Marta ficar sabendo ou não.

Enquanto ultimo os preparativos do encontro, sou avisado por telefone de que uma nova transa está a caminho, bem no instante em que eu cruzo pela rua da academia.

A cena que vejo excede minha imaginação: os gemidos de prazer e os desaforos são gerados por um coro, formado por professores e alunos de *tae kwon do*, liderados pelo mestre maior. Achando muito complexa tal situação, resolvo me ater ao frentista. Reunir Marta com todo aquele povo da academia? E mais, descubro que foi ali que trabalhou até há bem pouco o seu marido. Por telefone, conto isso a ela, numa tentativa de fazê-la perceber a gravidade de sua situação e de garantir, assim, seu comparecimento ao meu consultório, o que, de fato, acontece.

No dia e horário combinados, explico a Marta e ao frentista que faremos algo parecido com uma terapia de casal, pois estão os dois “casados”, unidos por idêntico problema-prazer. Ambos mantêm a mesma expressão distraída no olhar. Todavia, aquela aparente indiferença tem algo de excitante.

Por duas horas, instigados por mim para que falem de suas vidas, de seus anseios, de seus desejos, apenas se

comunicam através de gemidos de prazer e de ofensas espetaculares. Marta, uma jovem mulher de queixo saliente e resoluto, ora emite sons estrepitosos, ora lembra o coaxar triste de uma rã solitária que eu ouvi, dia desses, num terreno baldio.

Os gemidos vão diminuindo, as ofensas vão se transformando em leves descortesias verbais. Os dois vão murchando. Aliás, eu também. Perdemos a graça, os três. Fecho o consultório, mal-e-mal nos despedimos, cada um vai para seu lado, tratar de si. Me ponho ridiculamente a considerar a esterilidade da vida. Animais solitários, somos uns tolos que, estultamente, esvaem-se em gritos endereçados a lugar nenhum.

Após duas semanas, recebo, sem aviso, em meu consultório, a visita de Marta e de seu marido. Explico que logo chegará o cliente daquele horário. Insistem. Tento fechar a porta. Impossível! Marta, com o pé direito, me impede. Entram e, de cara, levo um tapa no rosto! Mão pesada a de Marta!

- Devolve minha tesão!

- Calma! Vamos conversar com civilidade – peço tentando controlar o tique nervoso na asa do nariz.

- Devolve! – Levo o segundo tapa, dói.

Intuo tudo. Marta revelava uma personalidade muito agressiva. Com Janaína, aprendera a conhecer mais intimamente tais mulheres. Mulheres que, se não têm uma válvula de escape para essa incomensurável agressão, vão agredir em cheio a seus maridos. O professor de *tae kwon do* corria sérios riscos. Conseguia ela se entregar sexualmente e atingir os afamados orgasmos somente quando em meio a uma grande briga. Ao invés de fazê-la com seu marido, tornando a

relação insuportável, deslocava, via telefone, o conflito e vivia-o com algum desconhecido.

- Já sei, Marta, já sei. Os telefonemas perderam a graça porque, conhecendo o frentista, é como se você tivesse conhecido todas as pessoas que estão do outro lado da linha. Pessoas comuns que, a princípio, nunca tiveram nenhum conflito contigo. Como você vai agredir alguém que conhece e com o qual não tem atrito?

Minha cliente leva as mãos ao rosto e chora.

- Vou processá-lo – intervém o marido. – O doutor me prometeu a cura, paguei adiantado, e o que vejo? Uma mulher agressivamente *sexy* ser transformada numa coisa anorgásmica. Sabe quanto vou pedir de indenização? O doutor tem ideia do valor em dólares do orgasmo feminino? E não me refiro a um único orgasmo. São milhares de orgasmos, milhares!

Se ele queria me atingir, me atingiu. Enfrento difícil situação financeira e, como todo o profissional, convivo com o pânico de perder o pouco que me resta com uma ação na Justiça. Felizmente, em situação-limite, minha energia mental se concentra na função inteligência. Uma luz se acende.

- O senhor é um homem admirável – digo. - Só homens admiráveis revelam tamanho desprendimento, tolerância e força moral para conviver com mulheres nas quais faltam telhas no telhado.

Ao mesmo tempo, neutralizo o marido e princípio o ataque a Marta. Na sequência, começo a emitir gemidos de prazer, a proferir palavrões e a dirigir a ela gestos obscenos.

Negaceando o corpo para a direita, escapo da voadora dada por aquela mulher pervertida. Abro a porta de meu consultório e fujo em desabalada carreira pelas escadas do prédio. Invejo Jeremy Northan que, no filme *Mimic*, escapa do fogo mergulhando na água do esgoto. Encontrarei eu alguma abertura na rede subterrânea? De raiva, comparo Marta com os insetos mutantes criados por Mira Sorvino.

Descanso, após quilômetros, em uma praça observando crianças brincando na areia. A areia é pesada, a pedra mais ainda; a ira de um cliente pesa mais do que uma e outra.

Pouco a pouco, adquiero confiança em meu plano. Os orgasmos voltarão a convulsionar o corpo de Marta e com eles findará de vez a ameaça de indenização financeira. Ofereço a ela alvo mais atraente. Até então, imaginava que, do outro lado da linha, havia alguém merecedor de seu ímpeto agressivo, alguém que, ao contrário de seu bom marido, podia e deveria ser agredido, sem culpa. Agora, não só imagina, tem a certeza. Há, mesmo, um homem merecedor das piores agressões, pois não é monstro o terapeuta que, ao invés de curá-la, a ataca imitando-a e ridicularizando-a em seus próprios sintomas?

Gemidos de prazer e ofensas descomunais, começo a receber ligações de Marta. Respondo com gemidos de prazer e ofensas descomunais.

Passados sete dias, telefono ao marido.

- Você vai me processar?

- Processar?! Quero muito é lhe agradecer. Os orgasmos de Marta se tornaram mais espetaculares do que eram. Nossa vida sexual experimenta curva ascendente!

Os telefonemas de Marta se repetem todas as noites, às vezes mais que uma vez, em geral entre onze e meia-noite. Procuo ficar sozinho em meu apartamento nesse horário. Há ocasiões em que, por uma razão ou outra, encontro-me fora de casa. Assim que meu celular chama, corro para o banheiro mais próximo e me fecho em um dos cubículos destinados aos vasos sanitários.

Profiro palavrões pavorosos que me surpreendem. Certamente desenterrados do fundo de minha memória, aprendidos do palanfrório de algum bom parente em minha infância inocente.

Sinto prazer, não só por, assim agindo, me salvar do temido processo de indenização, mas também pela catarse dos estresses do cotidiano difícil em que todos vivemos.

Infelizmente, os banheiros andam muito frequentados, o que faz com que, não raras vezes, eu seja o alvo de deseducadas vaias.

- Que pouca vergonha se masturbando num espaço público!

- Animal! Se masturbe sem ofender!

Dia dos Namorados. Janaína e eu nos encontramos num esmerado restaurante especializado em culinária alemã. Pedimos *strudel* de damascos ao garçom e tocamos nossos dedos por sobre a mesa. O olhar azul de minha namorada suavemente fixo em mim... a doçura de um céu! Solto os músculos, relaxo.... Acabo tendo necessidade de ir ao banheiro.

Ao som de meu assobio, descontraído, lavo as mãos sem pressa. Opa! Esqueci o celular na mesa. Horas? Vinte e três.

Um irreprimível pavor vai se apoderando pouco a pouco do meu espírito. Vinte e três horas! Apresso-me.

Da porta do banheiro, vejo Janaína de celular no ouvido, em pé sobre a cadeira. Sim, em pé sobre a cadeira!

Corro, com todas as pernas, derrubo mesas. Sem reduzir a velocidade, passo a mão no celular trazendo junto o brinco até então dependurado na orelha direita de minha namorada e já começo a gemer e a ofender.

Vocês podem imaginar meu medo: e se Marta perde a tesão?! Um telefonema mal-respondido, sem os gemidos e os desaforos apropriados e emitidos por alguém que ela não tem o real direito de odiar pode me pôr em sério risco. Milhares de orgasmos valem quanto? Quantos dólares valem milhares de orgasmos femininos?

Quando desligo o celular, não vejo a bolsa de Janaína, nem Janaína. Vejo apenas um grupo de garçons que, com discrição e muita firmeza, me transportam porta afora, gentilmente, via aérea.

A vida segue, como sempre, ela segue. Há uma única diferença. Tornei-me publicamente mais conhecido. Talvez popular. Não é nada incomum ver uma pequena multidão a me seguir quando, com o celular colado ao ouvido, entro, às pressas, em algum banheiro público.

Nas ruas, nos restaurantes, nos bares, pessoas que nunca vi apontam para mim e sorriem. Ah! Quanta saudade de meu passado anônimo, retirado, plácido. Sou obrigado a concordar com o filho de John Shakespeare: “Há punhais no sorriso dos homens”. (4)

O REVOLUCIONÁRIO DE BUCARESTE

A vitória da tese do pior oculto.

Só estamos bem, onde não estamos.

Chamada internacional. Madrugada. Voz masculina me oferta trabalho sigiloso, muito sigiloso, em Bucareste. Basta dar o sim e anotar as instruções.

Desembarco no Otopeni Airport numa manhã fria de outono. No vôo ocupei-me, sem sucesso, em como desfazer a teoria negativa que a família de minha namorada criara a meu respeito. “Alguma coisa ele esconde”. “Não bate bem”. Sei que dizem essas e outras tolices a meu respeito. Após vinte minutos no táxi, deço defronte ao Bucharest Hilton. Prédio antigo e pomposo, de esquina, com lonas vermelhas sobre a calçada. Infelizmente, não me hospedarei ali. As instruções recebidas determinam uma caminhada de três quadras pela Episcopiei, a partir do Hilton.

Não é difícil encontrar meu “esconderijo”; as chaves do apartamento estão embaixo do tapete. Entro e durmo sobre o sofá da sala. A tensão, em mim, é seguida por um sono profundo e imperioso, desses que não escolhe hora nem local e que não admite postergação.

Acordo. Abro um envelope encontrado junto à porta de entrada. Ao final do dia, devo comparecer ao Timisoara’s Heroes Cemetery. Um senhor de chapéu me procurará.

Primeira surpresa: o rosto do homem de chapéu é o meu rosto! O nariz trivial, as sobrancelhas espessas, os olhos castanho-escuros... todos e cada um daqueles traços em

separado reforçam a impressão espantosa: encontro-me diante de mim mesmo! A não ser pelo tamanho, é bem mais alto, nunca em toda minha vida me deparei com clonagem tão perfeita! Só lhe falta o tique nervoso da asa do nariz.

Em bom inglês, apresenta-se como meu cliente.

- Exijo absoluto e total sigilo.

- Sob toda e qualquer circunstância - garanto.

- Sob todas e quaisquer circunstâncias – repete ele no plural. – Jura?

- Se no singular, juro; se no plural, juro – tento quebrar o gelo.

Meu clone sorri e abre o casaco: presa a um suspensório, acompanha-o uma magnum.

Do banco traseiro de um carro de cor preta, vejo o prédio da Embaixada da Itália ficar para trás, reconheço-o pela bandeira. Leio a placa da rua onde estacionamos: Henri Coanda.

Quando subo as escadas em direção ao corpo da casa, sinto um arpejo na espinha. Onde estou me metendo? Quem será esse quase-clone meu? Quem sabe estou dormindo em meio a pesadelos? Ou meu pai teve algum filho ilegítimo que quer parte da herança? Que herança? Os custos com os estudos? Basta computar, em valores atuais, todos os calçados com os quais meu pai me calçou e eu já não tenho como ressarcir herdeiro nenhum.

Acomodamo-nos em sala ampla e iluminada à meia-luz. O ambiente me agradaria não fosse a absoluta ausência de sons, tipo aquele silêncio noturno dos filmes de terror, que

precede alguma barbaridade a ser cometida com o ingênuo personagem, bem acomodado em sala iluminada à meia-luz.

Meu clone permanece calado. Olha-me de cima abaixo. Como bom terapeuta, espero. O cliente deve ser o primeiro a falar.

- Exerço importante cargo público e ambiciono o cargo de ministro.

Alcança-me uma taça de vinho branco.

- Se for necessário lhe apresentar a alguém, o descreverei como sendo um parente distante de minha falecida primeira mulher em visita a Bucareste. Nossos encontros se farão apenas à noite, aqui em minha residência, aproveitando que minha atual mulher está na Espanha ou... na Argentina ou... não vem ao caso.

Recordo Ramakrishna: “Deus reside também nos tigres, mas isto não é razão para abraçar os tigres”.

- Por que não procurei um psicanalista? – Questiona-se ele sem eu nada ter perguntado. - Respondo. Fiz três anos de análise, com interrupções, viajo bastante. Descobri algumas coisas a meu respeito. Não me curei. Desisti.

Serve-se de vinho.

- Meu psicanalista, há um mês, morreu. Foi encontrado pela manhã na garagem de sua casa, de pijama, com a cabeça quebrada. Morava sozinho. Caiu atravessando uma clarabóia do telhado da garagem.

- Tratou-se com mais alguém? - Pergunto temeroso pelo destino final de outro colega.

- Consultei uma única vez a doutora C. Stibertit. Não abri o jogo, não confiei. Decidi procurar alguém de país bem distante.

- Em primeiro lugar, como devo chamá-lo? Não precisa me dizer seu nome verdadeiro... – sugiro em voz trêmula.

- Chame-me de Ministro.

- Ministro, eu já ouvi falar no trabalho da doutora C. Stibertit. Se não confiou nela, uma sumidade, como vai confiar em mim, alguém que está à margem dos meios acadêmicos?

- É complicado desfazer-se o vínculo, quando isso se torna necessário, com profissional reconhecido nos meios científicos internacionais.

Salto do sofá. Dou mais dois saltos. Tudo por reflexo. Procuo retomar o controle.

- Ministro, estou fora. Seu caso é muito para meu chinelo.

- O doutor nem sabe qual é meu caso.

- Não abraço tigres. Desculpe.

- Como?!

- Um psicanalista com quem tinha bom vínculo não resolveu e até caiu do telhado por uma clarabóia dentro da própria garagem e vestindo pijama. A doutora C. Stiberti, segundo o senhor, não iria resolver. Ora, quem sou eu, meu caro Ministro? Vamos parar por aqui.

- Não e não! O senhor está aqui justamente por se tratar de um especialista em casos atípicos! O senhor é minha última esperança. Mais do que uma carreira na política, é uma vida que está em jogo.

- Bem... talvez seu caso se resolva na religião. Eu, a partir deste exato momento, sou favorável a curas através da fé. Alguns milagres acontecem.

- O quê?! – Grita raivoso.

- Acontecem! Acontecem, senhor Ministro!

Os lábios de meu clone continuam a se movimentar exasperados, sem exprimir sons.

- Ok! Ok! Aceito o caso.

Sorvo o vinho do cálice em um único movimento.

- Minha querida mãe, aprendi com meu psicanalista, foi a pessoa forte de minha infância. Batia, se fosse preciso, no seu próprio pai, no meu pai, no pai de meu melhor coleguinha de escola. Por outro lado, sou filho de homem de potente compleição física que atraía a atenção das mulheres sobre si. Mas, acima de tudo, era homem bem-mandado. Meu pai era a força desde que minha mãe desse a ordem. O motor, a potência, o meu pai; a ignição, a partida, a minha mãe.

- Compreendi. Não precisa dizer mais nada. Trata-se de um caso de travestismo – digo sorrindo apenas para descontrair o ambiente, que se tornou pesado com aquelas revelações profundas e cansativas para um terapeuta de ação como eu.

O Ministro me olha com visível admiração. Bebe vinho na garrafa, bebe a metade, creio, a metade da garrafa, sem afastar a boca do gargalo uma única vez. Depois, com educação, convida-me a acompanhá-lo. Entramos no banheiro da suíte do casal.

- Para este armário há apenas esta chave. Minha atual mulher crê que deposito nele papéis secretos do governo.

Minha defesa, caso seja acusado de corrupção e essas coisas todas com que os homens públicos acabam invariavelmente sendo caluniados, seja em Bucareste, no Rio de Janeiro ou em Boston. Em verdade, aqui escondo meu calcanhar de Aquiles que, além de mim, só mais um homem vivo principia a conhecer. Doutor, volte à sala e aguarde.

Aproveito para sugar o vinho que restou na garrafa. Já sei como meu novo cliente entrará vestido.

Confesso ter me chocado por causa de nossa notável semelhança física. É como se estivesse me vendo com aquele sapato de salto alto, a saia curta, acima do joelho.

Estira-se no sofá à minha frente.

- Acertou em cheio, meu doutor.

- O Ministro veste-se de mulher, entra em potência.

Despe-se com rapidez e entra no quarto com ereção suficiente para cumprir seu dever com a esposa.

- Tudo funciona bem. Mas... o armário... o armário é a Mônica Lewinsky deste promissor homem público. Se minha mulher descobre estas saias.... Um dia, nunca se sabe, pode mudar de marido, de partido político... Clinton, veja tudo o que fizeram a ele. E Clinton nunca se vestiu de mulher...

- Clinton, símbolo do macho – faço crescer o músculo do braço.

Que colocação infeliz! Lágrimas correm daquele rosto que é idêntico ao meu. Como somos iguais! Que colocação infeliz.

- Para ser franco: é mais fácil o senhor desistir da carreira política do que...

- Não provoque minha ira mais do que já a provocou!
Ser ministro é o único sonho que resta a este pobre...

- Dê-me um dia para pensar – interrompo-o temendo uma explosão semelhante à que vi um dia acontecer com Janaína por causa de uma piada qualquer, numa noite em que ela estava de saias curtas, assim como meu cliente, atirada num sofá, bem à minha frente.

No apartamento, sem meu passaporte, retido pelo Ministro, banho tomado, começo a pensar em como fugir do país, outra característica minha; dou-me o direito a alguns minutos de boa fantasia antes de concentrar minha mente em tarefa fadada ao fracasso. Relembro a técnica de hipnotismo desenvolvida por Charcot na Salpêtrière e, de imediato, passo a sonhar com uma caminhada ao longo do Sena. De cima da Pont de la Concorde, aprecio o suave navegar dos barcos.

Na noite seguinte, hipnotizo meu cliente e ordeno que se adame, que se acredite mulher.

- Uma mulher que, se preciso for, baterá no próprio pai, no pai de seu filho, no pai do coleguinha do filho...

Durante quase toda aquela noite, ensino-lhe a técnica da auto-hipnose. É frustrante: nele o erotismo se desencadeia a partir de um estímulo visual, não da imaginação.

Na outra noite, levo a meu cliente uma injeção de *Alprostadil*, que mantém a ereção independentemente de existir estímulo ou não, pelo mecanismo veno-oclusivo. Fico visivelmente arrasado frente à informação de que já a experimentara. Transara, sim, mas sem sentir nada. Foi como tomar água morna, sem gosto. Acabara, desabalado, em busca da minissaia no armário.

Na terceira noite, sugiro resignação: na mãe, sempre nela, encontrará a ignição. Sim, para ele, não haverá outra partida possível. Mas por que em seus vestidos? Por que não em algum outro dote? Numa poesia que ela tão bem sabia recitar? Numa canção?

- Meu analista, semanas antes de cair do telhado da garagem, irritado, me mandou fazer isso. Passei a cantar na cama a canção preferida de mamãe.

- E...?

- Minha mulher gritou: “Cante como homem ou saia desta cama!”

Na tarde do dia seguinte, sou caminhante sem rumo por Bucarest: Royal Palace, Roman Ateneu.... De repente, na rua Panduri, vejo num prédio a placa do consultório da doutora C. Stibertit. Pobre mulher.... Que destino infeliz a levou a essa profissão?

Todo o terapeuta carrega uma cruz. E que cruz! Quando já pensava em me jogar de cabeça na boca aberta de um bueiro, lembro de Santo Agostinho: “Se carregares tua cruz com ânimo, ela te carregará”.

À noite, ao entrar na residência do Ministro, sou surpreendido por uma espingarda de grosso calibre. Sim, meu cliente, de arma apontada para mim, me obriga a vestir a minissaia, o salto alto, uma meia de náilon.... Com uma mão, segura a arma engatilhada; com a outra, uma máquina fotográfica.

Submeto-me, sem luta.

Retorno a meu esconderijo e durmo como uma pedra.

Levanto cedo e, em atitude inusitada, visito todas as igrejas que encontro abertas no centro de Bucareste. Em cada uma, recorro passagens significativas de minha vida.

À noite, como um cordeiro, no horário de sempre, vou espontaneamente à residência do Ministro. Ao cruzar pela Embaixada da Itália, engano-me imaginando me dirigir à Capela Sistina. Sou recebido com uma festa, sim, uma animada festa. Bebidas, casais, mulheres solteiras, homens solteiros, música alta, gargalhadas, fumaça de cigarro, de cachimbo, de charuto. Meu cliente me obriga a cumprimentar todos os convidados. Pouco entendo o que falam. Há um que, pelo que posso deduzir de suas palavras, participou do pequeno protesto ocorrido em Timisoara lá pelo mês de dezembro de 1989, que originou o movimento de derrubada do ditador Ceausescu. É festa de gente importante.

O Ministro impõe silêncio, quer falar. E fala. Disserta sobre minha pessoa, sobre “o parente de sua falecida anterior esposa”, como ele me apresenta a seus convidados.

- Quis o destino que fosse esse homem o primeiro neste país a ter a coragem de expor suas preferências eróticas atípicas. Nós, cidadãos heterossexuais típicos, não precisamos de movimentos de defesa. Mas, se as minorias não forem à luta, quando nossa sociedade deixará de ser preconceituosa?

Observo que, entre os presentes, circula um pôster, no qual, em tamanho natural e de minissaia e meia de náilon e salto alto, por algum truque de fotografia, apareço segurando um fuzil, obviamente simbolizando o aspecto agressivo da mãe. O tamanho natural – o Ministro é bem mais alto do que eu – não permite dúvidas: é o Baleia Júnior aqui.

Após os risos generalizados, sou felicitado pelo convidado que derrubou o ditador Ceausescu:

- O senhor é um revolucionário. Desculpe, uma revolucionária.

O avião desgruda da pista no Otopeni Airoport. Há nele um passageiro emudecido, com a asa esquerda do nariz para sempre prisioneira de um tique nervoso. Um morto que a todos engana, porque bebe vinho e usa o banheiro da aeronave. Assiste ao filme *Dante's Pick*. Pierce Brosnan e Linda Hamilton fogem de um vento vulcânico de cem quilômetros por hora e de oitocentos graus celsius.

Penso: se Pierce Brosnan e Linda Hamilton escapam ilesos.... Convenhamos, minha situação é bem mais confortável. Que mal me fará aquele pôster? No meu país, ninguém nunca ficará sabendo.

Passam-se os dias. Naturalmente me volto, como todo mundo faz, para as questões pequenas do dia-a-dia. Preciso vencer a resistência da família de Janaína. Erroneamente, me julgam um homem excêntrico. “Não bate bem”, dizem sobre mim. Há um, inclusive, por sinal meu sogro, que defende a teoria de que eu escondo coisas piores, ainda piores do que todas as que, segundo ele, já revelei.

Convido-os para uma janta em meu apartamento. Nada melhor do que um encontro íntimo e informal para desfazer todos os mal-entendidos. Após muita relutância, aceitam.

Janaína, comovida com minha atitude, traz-me de presente um sofisticado amplificador de som para meu aparelho celular e um moderno fax de grande resolução.

Música suave.

Não falo. Guardo meu humor para evitar mal-entendidos. Um sobrinho adolescente de minha namorada instala o amplificador em meu celular. A janta é servida. Continuo quieto. O sobrinho adolescente de minha namorada é um perito em instalações. Resolve aclopar as caixas de som da sala ao amplificador de meu celular. Instala também o fax.

- Para desfazer preconceitos – afirma meu sogro – nada melhor do que a convivência na intimidade.

Veja só! Logo o autor da tese da ocultação do pior. Janaína com o doce olhar azul... um céu!

Surpresa! Sabe quem me telefona? O Ministro! Por questões éticas - não falo ao telefone com clientes na presença de outras pessoas - peço licença e mudo de sala.

- Doutor, meu querido doutor... somos realmente muito iguais. Aquele pôster está em meu banheiro. Belas coxas. Você realmente fica muito bem de minissaia e salto alto. Que tesão!

Instintivamente, chaveio a porta.

- Doutor, basta eu entrar no banheiro, olhar o pôster por alguns minutos e pronto, entro em ereção. Fácil, não é? O doutor sabe, preciso de estímulo visual, de me ver vestido de mulher. Como somos parecidos... E ninguém poderá me acusar de nada. Todo mundo sabe de quem é o pôster. Aquela festa repercutiu muito. A sua coragem em se expor até hoje é comentada.

O telefone, inicialmente, deixa-me um pouco perturbado. Depois me traz uma pontinha de felicidade: mais um caso bem-sucedido. De agora em diante, o Ministro não precisará mais esconder todas aquelas roupas femininas no

armário do banheiro, com os riscos de serem descobertas pela mulher, de ela mudar de partido político, etc. Apenas um pôster brincalhão colado atrás da porta do banheiro: o estímulo visual de que tanto precisa, sem riscos.

Saio do escritório com aquela sensação boa que o sucesso nos traz e, surpreso, encontro a sala de jantar vazia! Apenas Janaína com o olhar vazio, pasmada! A porta que dá para o corredor está aberta. Evidentemente todos os seus familiares foram embora, às pressas, sem se despedir. Receberam algum telefonema de algum hospital, de uma funerária, algum parente próximo se acidentou, morreu?!

- Janaína, querida, algum telefonema te perturbou?

Ainda grito no corredor o nome dela. Paciência, amanhã ficarei sabendo o motivo de tanta pressa.

Bebo um pouco de vinho. Feliz. Um profissional bem-sucedido. Pela primeira vez, recebo um presente da namorada. Pela primeira vez, seu pai janta em meu apartamento. O pior oculto, ora, ora...

Bebo mais um cálice. Relaxo no sofá. Ainda é cedo para dormir. Resolvo admirar meu presente. Primeiro presente! Veja o que fez o sobrinho de Janaína! O som de meu celular, amplificado e acoplado a todas as caixas da sala. Esses adolescentes...

- Como?! - grito assustado temendo o pior.

Em pé, com todos os músculos contraídos, corajosamente disco o número de meu consultório. A voz da secretária eletrônica saída dos alto-falantes das caixas da sala só não acarreta, entre todos os possíveis, um prejuízo em mim: não estoura meus tímpanos.

- O fax! – grito, trêmulo, sôfrego e com palpitações.

Sim, lá estou eu, bem impresso, em papel fresco, nítido, a ponto de bem se perceber o rendilhado da minissaia.

- Maldito adolescente!

O único pensamento que consigo encontrar em minha memória é um russo, que diz: “Só estamos bem, onde não estamos”. Repito-o sem tréguas no intuito de impedir que idéias de conteúdo perigoso tomem conta de meu cérebro. A cada dez passos dados nos corredores do edifício onde moro, dez contados passos, paro, exclamo, e jeto o parecer do russo:

- “Só estamos bem, onde não estamos!” (5)

UM HOMEM, UMA BALEIA, UMA PAIXÃO.

Não seas doce demais: elas te comerão. Não seas amargo demais: elas te vomitarão.

- Sou vítima de uma paixão doentia, doutor – principia a consulta Antônio, sentado à minha frente, quase me tocando com suas pernas compridas.

Folheando páginas de meu passado, por coerência, não devo me posicionar contra as paixões doentias. Porque sou fruto de uma, da paixão de um homem por uma baleia.

Lembro-me do quanto meu pai era alvo de chacotas. Quando o viam, gritavam: “Baleia Júnior!” Criança, acompanhava-o aos jogos de futebol, às corridas de cavalo, aos rinhadeiros: “Baleia Júnior!” “Baleia Júnior!”

Em sua infância, morara numa cidade pequena localizada muito distante do mar. Seu pai, meu avô, tivera a idéia de comprar uma enorme baleia embalsamada. Colocara-a sobre um caminhão grandalhão e levava-a à cidade. A maioria do povo nunca havia estado numa praia de mar, muito menos visto um bicho daquele porte. Com uma lona a escondê-lo, meu avô cobrava ingresso. Fez dinheiro. A infância e a adolescência de meu pai foram vividas em inúmeras pequenas cidades situadas longe do mar.

Os Baleias, assim eram chamados meus antepassados. Meu pai, de tanta convivência, se afeiçoara à baleia. Dormia dentro dela. Organizou uma suíte em seu interior, com colchão de casal e lençol de cetim. Nela engravidou minha mãe. Fui concebido pelo amor normal de um homem por uma mulher e por um pouco mais: pela imensa paixão de meu pai por uma velha baleia embalsamada.

Cresci longe de baleias e próximo de cinemas, o que me fez um apaixonado pelos filmes de Hollywood. Tenho consciência de que me agrada o trabalho de terapeuta por ver em cada novo cliente um personagem. Personagem anônimo de um filme ainda a ser rodado. Com frequência, distraio-me lembrando cenas de certos filmes que me foram caros. Agora, por exemplo, estou a lembrar John Travolta lutando contra Nicholas Cage sobre uma lancha em alta velocidade naquele filme de John Woo: *Face/Off*.

Meu novo cliente continua a falar e a despertar minha admiração. Mulher nenhuma enlouqueceu por amor a mim. Já com Antônio... Solteirão convicto, gostava de costurar pequenos envoltimentos, casos sem compromisso e de breve

duração. Conhecera há cinco meses Laídes, vinte anos, bonita a ponto de seus quilos a mais não arrefecerem a cobiça dos homens.

No início, como sempre, a paixão habitara o coração de Antônio. Todavia, como soi acontecer em sua vida amorosa, certa manhã acordara com o coração desabitado. Nada, nada mais sentia por Laídes. Honesto, avisou-a: acabou!

Poucos dias depois, o amado Porsche de meu cliente amanhecera com a pintura toda riscada. Indignação! Pouco tempo depois, idem com o novo Porsche recém-adquirido. Noutra ocasião, encontrara seu apartamento com tudo quebrado, menos a geladeira.

Ontem, um vizinho telefonara a seu trabalho: a ex-namorada o esperava no corredor em frente à porta de seu apartamento com um revólver na mão.

- Doutor, descobri que a mãe de Laídes, na juventude, matou um namorado. O pai está em liberdade condicional, matou um sócio. Que faço eu?

- Primeiro passo: seja você o apaixonado – respondo de pronto.

Antônio, pálido, com as faces consumidas pela aflição, imagem de sua alma exausta, resiste. Como poderá? Não terá estômago...!

- O que preferes? Dormir com Laídes ou com os vermes no caixão do cemitério?

Decorridos alguns dias, recebo nova visita de Antônio. Enviara à Laídes muitas flores e cartões explicativos. Seu afastamento não passara de um teste de amor. E Laídes fora aprovada com folga: só uma mulher que muito ama riscaria a

pintura de dois carros, acabaria com todos os móveis de um apartamento ricamente decorado, menos a geladeira, e se imporia o desassossego de carregar um revólver e quase se transformar numa homicida.

- Sosseguei Laídes, doutor. E então, qual o segundo passo?

- Transforme-se no oposto do que ela anseia em um homem.

- E estômago para tal? E estômago...?

- E os vermes? ...

- Laídes é esperta. E se, em vez de nós, é ela quem está nos manobrando? Certifica-se que baixei a guarda e... decepa meu pênis, como costuma acontecer nestes tempos pós-modernos!

Trinta dias adiante, a namorada de Antônio me procura. Deseja saber o prognóstico da doença de meu cliente.

- Ainda o estou estudando. Você poderia me ajudar?

- Nunca vi, doutor. Recebo flores nos três turnos do dia. Basta me ver que começa a chorar. Beija a sola dos meus tênis. Como um cachorro, rasteja por baixo da mesa de jantar mesmo quando, em torno dela, meus pais jogam cartas com amigos. Enrosca suas pernas compridas nas cadeiras. É um transtorno só!

- O que você acha disso tudo?

- Não tenho a mínima idéia. Afinal, o doutor é o senhor.

Explico-lhe que não cheguei ao diagnóstico de Antônio por falta de dados. Insisto em que me fale dele. Tento descobrir que leitura faz desse homem para aquilatar os reais riscos que meu cliente corre em suas mãos. Afinal, nunca tive desses casos

de homens castrados por namoradas magoadas. Estarei frente ao primeiro?

Laídes fala muito de si mesma e nada de seus sentimentos para com seu namorado. Ou seja, ele não mais faz parte de sua vida afetiva. Antônio se safou. Continuará apenas com o temor de castração freudiano que acompanha todos nós homens desde o nascimento até a hora da morte.

Descubro que ela se movimenta na vida em dois pólos extremos: pé no freio ou pé no fundo do acelerador. Laídes é bipolar.

- Em três ou quatro dias, me transformo num tornado. Pressinto que a fase de aceleração está por começar.

Despedimo-nos e corro a discar o celular:

- Antônio, rasteje como um cão doente e nada de latidos. Em três dias, ela te enxotará.

Tudo se passa conforme o previsto. Antônio fica com uma impressão muito positiva de minha capacidade como terapeuta. Infelizmente, Laídes, seu pai, matador do sócio, sua homicida mãe, também ficam com uma impressão positiva. Talvez tenham atribuído a mim a “regeneração” de Antônio, quando este se transformou num humilde homem, absolutamente apaixonado por sua “maravilhosa” filha.

Um tornado, travestido de mulher jovem e com alguns quilos a mais, é trazido a meu consultório. Consegue a proeza de sussurrar, cantar e berrar. De expressar-se, ao mesmo tempo, em inglês, francês e italiano.

Lembro que, numa determinada consulta, sem nenhuma idéia inteligente a expressar, comentei:

- O problema de Laídes se concentra no movimento.

- Movimento?! – Espantara-se o pai que, pela primeira vez, prestava atenção em minhas palavras.

- Sim. Não há constância em seu movimentar-se nessa vida.

Depois de dois ou três dias, o pai de Laídes me faz acompanhá-lo à sua oficina de motores na periferia da cidade. Pensara muito na questão do movimento, tema comum a quem lida com motores.

- Os terapeutas não entendem disso, como vão resolver o problema de Laídes? O senhor, entretanto, foi o único que acertou no diagnóstico. Entretanto, o doutor, com certeza, não sabe como consertar movimento.

De imediato, concordo.

Entrando num grande salão, o que vejo? Um pilar perpendicular fixado no teto e no assoalho com uma cadeira suspensa a um braço mecânico horizontal. Acionado um botão vermelho, a cadeira começa a girar. São muitos os botões, creio de todas as cores. Cada cor obriga a cadeira a girar a uma velocidade específica.

- Se é fato que a loucura é a agitação irregular das idéias, movimento desordenado do cérebro e do corpo todo... – olha-me com determinação o pai de Laídes – A cura consiste em suscitar no doente um movimento regular e real, obedecendo às regras dos movimentos do mundo.

Admito que há lógica em sua teoria.

- Preciso de uma autorização profissional para colocar minha querida filha na cadeira.

Além do compreensível receio de contrariar o chefe de uma família dada ao crime, fico curioso. Concede-me uma

noite para decidir. Pesquisando em bibliotecas virtuais, encontro que os métodos de regulação do movimento foram muito utilizados. Mason Cox, no começo do século XIX, descreve uma famosa máquina giratória semelhante àquela que eu acabei de ver. Discute-se quem a inventou: Maupertuis? O dinamarquês Katzenstein? Darwin?

Com meu atestado autorizando, colocamos Laídes na cadeira e imprimimo-lhe um movimento rápido e constante. Ao contrário daquilo que esperávamos, minha cliente de três idiomas passa a falar seis e todos ao mesmo tempo.

Sugiro ao pai de Laídes uma modificação: a máquina deve girar no sentido anti-horário. Há uma melhora pequena: cinco idiomas. Por mais que giremos a cadeira em velocidades cada vez maiores, a melhora não progride.

No dia subsequente, trabalho sozinho com Laídes. Seu pai prefere voltar a lidar com os motores. Já é fim de tarde, quando concluo pela modificação abrupta do ritmo. A máquina é posta a girar rapidamente, sendo detida a intervalos regulares e de um modo brutal. Laídes pára de gritar. Retiro-a cuidadosamente da cadeira giratória, segurando-a com ternura. O olhar de minha cliente revela paixão por mim, desencadeando uma onda de frio glacial ascendente em minhas vértebras.

Coloco-a no chão e, sem esperar, começo minha defesa. Terapeuta nenhum se envolve com cliente. Ela não acredita. E, além de tudo, eu já estou comprometido. Também não acredita. Conto-lhe o nome de minha namorada. Não é suficiente. O tique na asa do nariz me importuna. Acabo acrescentando o telefone e o endereço de Janaína.

Laídes me empurra com força, e que força!..., abandonando a passos decididos aquela oficina de motores.

Compro, num supermercado, carne de cobra importada da China. O céu cobre-se de um escuro ameaçante, a chuva desaba ruidosa. Durmo com estrondos a me acordar intermitentemente.

No final da manhã do dia seguinte, recebo um telefonema aflito dos pais de Janaína: não a viam desde a noite anterior. Irritado, deduzo pelo lugar-comum: traição! Arrumou outro! Almoço calado numa modesta casa de lanches, o único comensal desatento à música “We don’t need another hero”, de Tina Turner.

Laídes não me aguarda junto à cadeira giratória como nos últimos dias. Estranho: o aparelho está em funcionamento...

Sabe quem está dentro dele? Janaína! Sim, minha desaparecida namorada. Retiro-a, com ternura.... Percebo, pela primeira vez, sob seus cabelos violentos, um perfil puro, fresco e tenro. De seus lábios fortes, recebo um beijo, o mais apaixonado em todo nosso tempo de namoro. Lágrimas saem de seus olhos: fora seqüestrada por uma mulher de força descomunal.

Adoeço de vaidade: à semelhança de Antônio, mulheres se apaixonam loucamente por mim.

Na primeira ação homicida de Laídes, minha auto-estima, assim como acontecera com Antônio, desce do pico do Everest ao chão da fossa das Marianas, o ponto mais profundo do oceano. Ela matou, sim, Laídes “matou” meu pequeno carro

usado, ainda não de todo pago, com uma machadada bem no meio do capô dianteiro.

Convenço o pai de Laídes de que a cura de sua filha está no mar.

- De todos os movimentos do mundo, o balanço do mar é o mais natural, o mais conforme com a ordem cósmica. Nele, é o próprio ritmo da natureza que fala.

Dividimos as despesas e despachamos Laídes para um cruzeiro marítimo de onze voltas ao mundo. Ufa! Descanso para seu pai, descanso para mim, agora um homem livre para curtir a súbita transformação afetiva da até então arredia namorada. De imediato, levo-a a restaurante de culinária francesa. Bebericamos vinho e roçamos nossos joelhos sob a mesa.

Por que será que as mulheres, ao girar, se apaixonam? Quem sabe seja por isso que os homens as levam aos parques de diversões? Carrossel, roda-gigante, aquelas danças em que o homem faz a mulher rodopiar, dão resultados, se dão!

Janaína suspira e eu, ao invés de suspirar, abro a boca e falo. Descrevo minha teoria da paixão pelo movimento. Como ela reluta em concordar, faço-a recordar do momento em que, com ternura, a retirei da cadeira de girar, do seu olhar de cobiça erótica em relação a mim. Janaína insiste em dizer que se apaixonou porque eu a salvei de um seqüestro. Pela primeira vez, tinha tido motivo para me admirar: a perspicácia para descobri-la encerrada naquela máquina que só lhe provocara vômitos. Menospreza tanto minha teoria da paixão pelo movimento que me vejo obrigado a lhe jogar na cara a história com Laídes. Jogo-a de corpo inteiro, com seqüestro, com

minha parcela no pagamento do cruzeiro marítimo, de onze voltas...

- O quê?! Aquela louca me seqüestra e me tranca naquela máquina de vomitar por tua causa?!?!

Desce pela pele de meu pescoço, escorrega em meu peito, por baixo da bem passada camisa, um prato de *Coq au vin*. Escorrega devagar, o molho é bem espesso.

- Janaína! Não se vá!

Pelo menos uma despedida, penso, uma despedida em que os braços inconsoláveis tanto custam a desenlaçar-se.

Pago a conta do *Coq au vin* que teima em permanecer colado a meu peito. Antônio me chama pelo celular:

- Doutor, continuo com o hábito de rastejar como um cão...

- Antônio, não sejas amargo demais: elas te vomitarão. Mas também não sejas doce demais: elas te comerão.

- Até aí tudo bem. Tudo bem, doutor. Rastejando, meus sapatos duram mais, a sola gasta menos. O problema é que comecei a namorar uma mulher, uma gatona maravilhosa, proprietária de uma cachorra.... Doutor, estou apaixonado. O doutor é inteligente e já adivinhou, não é? Estou apaixonado pela cachorra, doutor!

- Antônio, isso não é nada. Veja eu: sou filho de um homem apaixonado por uma baleia. Meu avô, certa vez, comprou um bem grande... velha... colocou-a num caminhão grandalhão...

- Doutor, o senhor ouviu o que eu disse? De tanto rastejarmos juntos eu e a...

-...Baleia Júnior... a família dos Baleias, e daí?

- Ela é uma cachorra!
- Você disse: uma cachorra?!
- Doutor, por favor, escuta...
- Bonita? Afinal, é cachorra bonita? (6)

O ÁRABE ASTRONAUTA

O amor é um oceano de emoções inteiramente cercado por despesas.

- Quarenta mulheres?!
- Sim, quarenta mulheres - confirma o eunuco.

Por entre os viçosos jardins da mansão de Cocoa Beach, sou conduzido a um elevador que me faz descer no terceiro andar, diretamente no escritório de meu novo cliente. Sento numa cadeira acolchoada, de pernas curtas, defronte a um estrado sobre o qual descansa um encorpado birô. Passados alguns minutos, surge um homem com vestes árabes tradicionais.

Espichando ao máximo o pescoço, meus olhos mal-e-mal alcançam a borda do birô. Do ponto onde me encontro, o árabe mais parece um ícone incrustado no encontro da parede com o teto. Justo a diferença de altura entre nós. Um homem de quarenta mulheres frente a outro de uma... que talvez tenha essa uma.

- Doutor, desde que vim para a Flórida com meu harém, não sossego.

Aparentando trinta e poucos anos, olhos pretos, com a pele em volta amarelada, papudas olheiras, meu novo cliente revela cansaço na voz.

- O doutor bem sabe como nossas sociedades são diferentes. Aqui na mansão, minhas mulheres andam com véu, se comportam como o certo manda que se comportem. Mas não posso impedi-las de vez ou outra... – ou eu não o vejo bem aqui debaixo, ou meu interlocutor cochila - ...vez ou outra... O que mesmo eu estava falando?

- Vez ou outra... Sua Excelência falava vez ou outra...

- Hum... vez ou outra, elas precisam sair da mansão.

- Ginecologista – tento ajudar.

- Não, não, médico, dentista, cabeleireiro, todos vêm até aqui... Vez ou outra... – cochila de novo.

Aos poucos, entre cochilos, meu sonolento novo cliente explica o motivo de sua insônia: desconfiança.

Dirige-se a um sofisticado painel eletrônico situado à sua direita, através do qual controla onde andam suas quarenta mulheres.

- Todas usam um celular próprio do qual jamais podem se afastar. O celular emite regularmente, a cada trinta minutos, sinais à sua operadora-base. O satélite Earlybird, da empresa Earthwatch do Colorado, capta esses sinais e me envia o exato local onde se encontra o aparelho. Bem.... Sei onde andam, mas o que andam fazendo...? E depois, trinta minutos é intervalo mais do que suficiente...

- E seus eunucos, Excelência, para que servem seus eunucos?

- Meus eunucos? A mudança para a Flórida deixou-os desatentos. Nas folgas que, pela legislação deste país, sou obrigado a permitir, vão em grupo ao Bush Garden, andam aos gritos na Kumba. Uma vergonha!

Meu cliente, um homem alto, mesmo em pé, cede a mais um cochilo.

- Uma vergonha! Amigos mais velhos e experientes em administrar seus haréns, aconselham-me a dormir em paz sob a alegação de que árabe não sofre traição. Qual a mulher que gostaria de se ver esquarterada, sabendo que seus pedaços serão enterrados no deserto a cem quilômetros de distância uns dos outros?

Colocando as mãos em meus ombros, pergunta antes de mais um cochilo:

- Doutor, nunca fui ciumento. O que se passa comigo aqui na Flórida?

Encontro um motel em Satellite Beach, distante poucos quilômetros. Enquanto acerto detalhes com o gerente, cochilo três vezes. Alcanço o quarto, mas não atinjo a cama. Durmo sobre o tapete, vestido como estou. Durmo profundamente.

- Primeiro, preciso conhecer a realidade; depois suas fantasias – digo a meu cliente na manhã seguinte.

Como poderia concluir pelo diagnóstico de delírio de ciúme sem ter certeza de que suas quarenta mulheres, uma que seja, em uma dessas saídas, não o trai com algum floridiano audacioso ou com algum *latin lover*, tipo nada incomum por aqui? E os eunucos? Nunca acreditei em eunucos.

Com uma BMW vermelha, binóculo potente, dólares à vontade, tudo cedido por meu cliente, saio nas pegadas da

esposa número 26 que, conduzida por um eunuco-motorista, entra na rodovia A1A. Alguns quilômetros de estrada e desvia para a 404. Depois a 509, a 95 e, adentrando na cidade de Melbourne, penetra no primeiro shopping.

De uma loja de roupas femininas, sai carregada de compras. Por que tantas se não usa a moda ocidental? Engano meu. A número 26 deixa o toalete feminino vestindo saia, blusa, sapato alto e dá uma volta pelo shopping. Retorna ao toalete, troca a roupa e passeia novamente. Repete o ritual por horas e horas.

- A número 26 não o trai – comunico ao árabe via celular.

No dia seguinte, vigio a saída da esposa número 17: age exatamente igual à sua colega. No outro dia, outra esposa. Tudo igual.

Quando faltam ainda seis esposas, marco audiência com meu cliente. Estou entediado. Dias inteiros havia passado naquele shopping, escorado em colunas ou sentado em bancos atrás de folhagens. Afinal, por que viera com seu harém à Flórida? A um ambiente culturalmente tão diferente do seu?

- Suas mulheres acabarão contaminadas com os dispendiosos hábitos das mulheres ocidentais...

La contar-lhe das saias, das blusas, das compras exageradas, mas ele me interrompe.

- Sonho em ser astronauta.

- Astronauta? Você?

- Faço estágio no JFK Space Center.

- Ora, ora, que sonho mais absurdo! Mude de sonho, volte a seu país com seu harém...

- Nem me fale nisso! Se falar... trinta chibatadas! Faça qualquer sacrifício para ir a Marte em 2020!

Chibatadas?! E a legislação de proteção aos trabalhadores da Flórida? Contenho grande indignação.

- Doutor, a constatação de que a número 26 não me trai, de que a número 17 não me trai, de que a número... faz com que eu passe a desejá-las como nunca as desejei. A tesão é tanta, tanta que eu acabo ejaculando antes da hora.

- Posso lhe prescrever medicamentos que retardam a ejaculação.

Interrompe-me com um sinal de mão.

- Sou contra medicamentos, no deserto não os há.

- Mais essa! – Deixo escapar irritado como sempre faço quando ouço um cliente contrariar minha orientação, ainda mais um que me ameaça com chibatadas.

Chibatadas?! Ah! chegou a hora da vingança.

- A outra maneira prática de diminuir a sensibilidade exagerada pelo prazer é adicionar, de forma intercalada, alguns momentos de dor.

Seus olhos verdes brilham.

- Excelência, sugiro-lhe o método do açoitamento.

- É a forma como se inflige dor no mundo árabe – concorda.

Ia lhe dizer que estava brincando. Não pude, ele se adianta.

- Vamos fazer isso!

Tento argumentar que se ele voltar a desconfiar de suas mulheres não necessitará ser açoitado. Quem sabe simplesmente ele me despede e...

- Você será meu carrasco.

Era o que eu mais temia.

- Sou incapaz de açoitar Sua Excelência.

- Não se subestime, você é capaz. E, de mais a mais, ninguém de meu séquito terá coragem de fazê-lo.

- Excelência, eu não sou capaz!

- O doutor prescreveu a injeção, o doutor aplica a injeção.

Não tenho forças para contrariá-lo.

- Aceito com uma condição: a certeza de que Sua Excelência, posteriormente, não desenvolverá hostilidade em relação a este que vos serve. Minha experiência me ensinou: depois que um cliente melhora...

- Quer garantia?

Devido a nosso desnível, penso, se ficarmos no olho por olho já saio ganhando. Temo: um olho por sete olhos.

- Sua Excelência me açoitará com a mesma intensidade e frequência com a qual serei obrigado a açoitá-lo.

Principiava um final de semana e o Árabe Astronauta, como passei a nominá-lo em pensamento, adquiriu o nocivo hábito de transar em todos os turnos de um dia e por vezes repetidas. Eu ficava atrás de um biombo. Quando ordenava, aproximava-me de sua enorme cama redonda e lhe vergava as costas com a chibata, com todo o cuidado para não atingir também o corpo escultural de sua esposa de plantão.

De ótima memória, meu cliente, ao final do expediente, devolvia em minhas costas o mesmo número de chibatadas com que eu o havia aflagido durante o dia e mais uma. Nunca tive coragem de perguntar-lhe o porquê dessa uma a mais.

Segunda-feira. Recomeça o estágio no JFK Space Center e eu, felizmente, ganho a liberdade para sair e vigiar a única esposa que ainda não foi vigiada. Anseio por encontrar indícios de traição e ver normalizada a vida sexual de meu cliente.

Exulto de alegria ao observar que a número 21 sai pelos fundos de uma loja do shopping e entra num táxi. Enganou seu eunuco-motorista.

Vou atrás. Pasmem, a 21 entra num edifício onde funciona uma academia masculina de lutas marciais. Duas horas se passam até que ela, pegando outro táxi, volta ao shopping.

À noite, mal-e-mal o Árabe Astronauta põe o pé na mansão vindo da Nasa, chamo-o para um canto.

- Desconfio da número 21.

Os açoites são suspensos, reaparecem as olheiras e os cochilos.

Certo dia, espero que a número 21 entre na academia de artes marciais e vou até lá. O funcionário da portaria, a contragosto, permite minha entrada. No tapume, vários lutadores se surram. Nos vestiários, só vejo homens suados. Onde se escondeu a 21? Questiono-os sem sucesso sobre uma mulher morena, jovem, de feições árabes. Vejo sorrisos em alguns lábios. Estarão escondendo alguma coisa?

Noutro dia, repito tudo e nada. Ninguém a viu. Mais que isso, sou tratado com azedume.

Ao perceber o calibre de seus braços, parecem coxas de jogador de futebol, resolvo instigar o distraído motorista-eunuco contra os lutadores.

Quando a 21 entra na loja, o eunuco já encontra o banco, no qual sempre senta preguiçoso, ocupado por mim. Os outros dois bancos próximos estão sujos: eu havia, estrategicamente, colocado sobre eles terra retirada dos vasos de folhagem. Só lhe resta sentar-se num banco do qual é bem visível a porta por onde a 21 sai às escondidas.

Ele a vê! Vai atrás! Espera um pouco defronte à porta do edifício da academia, enche os pulmões de ar e entra gritando. Corro a tempo de vê-lo estrangular o porteiro. Uma escrivaninha passa rente a minha orelha esquerda. Afasto-me, prudente, a passos largos.

No Miami International Airport, quando o corpo do eunuco é despachado para seu país de origem, a esposa número 21, consternada, enxugando lágrimas, apresenta-me Mr. Best, um homem baixo, gordo, fumador de charuto. Um paranormal que a trata da fobia que sofre por mulheres, com consultório na porta exatamente ao lado da academia de lutas marciais.

- Repugnando mulheres, como viver em um harém? Coitadinha. Por sua vez, o finado, pobrezinho, achou que ela freqüentava a academia... – diz-me ele com voz rouca de cerveja e fumo.

No dia seguinte, o Árabe Astronauta convoca-me a comparecer a seu escritório e, lá do alto do estrado, como um ícone incrustado entre a parede e o teto, ordena:

- O doutor tem uma última tarefa a bem cumprir.

A Nasa assinalara com a possibilidade de ele participar de um vôo no ônibus espacial: quinze dias no cosmos.

- O doutor ficará aqui na Terra controlando meu harém.

Não supunha que, aos olhos do Astronauta Árabe, eu me assemelhava a seus eunucos. Ressentido, argumento que um harém é incompatível com a profissão de astronauta. Ou o cosmos ou as quarenta mulheres.

Meu cliente andarilha, agoniado, fala em voz alta. Compreendo que, sem querer, toquei em carne viva. O que seus amigos irão pensar dele sem as quarenta mulheres? Desistira de ser homem? O Ocidente o teria afrescalhado?

- Para ir se acostumando, desative o harém aos poucos.

Três dias se passam. Meu cliente me chama:

- Não preciso mais de seus préstimos. Seus honorários, já os entreguei à gerência do Sheraton Hotel. Em agradecimento, o primeiro lote de dez mulheres que estou dispensando passa a ser seu.

- Como?!

- Tenho a impressão de que o doutor é homem mais do que suficiente para dez...

- Não se trata disso...

- Não?!

- Não se trata...

Levanto-me e vou à janela. Avisto um grande mar e muito sol. Todos aqueles dias na Flórida e eu nem reparara no sol, no mar, na praia. O tempo todo enclausurado num shopping a vigiar mulheres, como um simples eunuco. Assim vinha sendo minha vida. Pequena. E lá estava o mar, amplo, erizado de espumas, imenso horizonte de águas, sonhos, ousadias. Ouves, acaso, quando entardece, vago murmúrio que vem do mar?

Encaro o astronauta com firmeza. Eternamente trancafiado entre paredes, é como se eu visse uma janela de sonhos intemeratos se abrir à minha frente.

- Ok.

Coube a mim um lote com as esposas de números 40 a 31 e também com a 21. Por que a 21? Ao total, onze. A camionete nos leva diretamente ao Sheraton Hotel.

Euforia! Dez, quer dizer, onze mulheres. Fico com vontade de telefonar aos amigos contando.

Na portaria, a 21, a fóbica, solicita um quarto só para ela. Ok. Agrupo as outras em dois quartos. Confirmo com o gerente: o hotel recebera o dinheiro de meus honorários. As minhas esposas divergem: por que privilégios para a 21? Tudo bem, um quarto para cada uma. Ao total, onze quartos. E eu? Para economizar, dormirei uma noite em cada quarto.

Outra polêmica: eu não sou árabe e estamos no mundo ocidental. Não começarão a trabalhar como esposas enquanto não tiverem contrato assinado. E a proteção aos direitos dos trabalhadores na Flórida? As reuniões de entendimento duram muito tempo. Algumas saem antes de seu fim e gastam em meu nome nas lojas do hotel. Estão muito mal-acostumadas.

O gerente me chama. A noite nem chegou e o dinheiro de meus honorários já não cobre as despesas. Durmo, ou melhor, tento, no corredor, vigiando as portas de seus quartos. O medo da traição atila minha audição. Ora é um rumor, um roçar, um farfalhar, ora é um canto, um grito. Ouço apitos e até mesmo pios na madrugada. Como a noite é barulhenta! Levanto com as olheiras papudas do Árabe Astronauta habitando o contorno de meus olhos.

Cochilando junto à piscina onde as minhas esposas exibem aos bem-dormidos hóspedes seus corpos esculturais, sou acordado pelo meu ex-cliente. A viagem no ônibus espacial fora confirmada e ele quer me enviar, ainda naquela tarde, os restantes três lotes...

Minhas esposas, desprovidas dos telefones celulares cedidos pelo árabe, se apossam do meu. Janaína ligara várias vezes e sempre uma mulher diferente a atendera. E eu precisando tanto conversar com ela: um empréstimo para pagar o hotel. O gerente perde a fé em mim. Chama a polícia.

Neste momento estou numa delegacia. Abanam para o Baleia Júnior aqui homens musculosos presos em um quarto gradeado. Abanam com ironia. Se a memória deles é boa a ponto de me reconhecerem, a minha também: trata-se dos rapazes da academia de artes marciais.

Os guardas me empurram para dentro do quarto gradeado e os lutadores, me puxando, os ajudam! Foi-se o mar amplo, eriçado de espumas, imenso horizonte de ousadia. A janela aberta para sonhos intemeratos já era.

Resisto! Por um átimo, resisto! Agarrado ao marco da porta, com as asas do nariz erguidas, as duas, sinto minhas forças se esvaírem. Quem me vê, recorda, com certeza, aquela célebre gravura de Edvard Munch: *O Grito!* (7)

TERAPEUTA DE PESCOÇO COMPRIDO.

Se levarmos um asno bem longe, e mesmo até a Meca, voltará um asno.

Dirijo-me ao ponto de táxi do Aeroporto de Carrasco lentamente, como um sonâmbulo. No banco de trás do veículo, cochilo várias vezes até alcançar o Hotel Continental, na calle Paraguay.

No banho, a relaxação se esvai junto com a água morna. Pelo ralo. Desligo o chuveiro inquieto. Afinal, quem me contratou para atender a esse cirurgião uruguaio? A voz me parecera familiar. O tom ordenativo me fizera obedecer de pronto, sem questionar detalhes, assim como o fazem as pessoas submetidas à hipnose.

Sempre gostei da paz de Montevidéu.

No dia seguinte, pontualmente às 18h, recebo em meu improvisado consultório, na suíte do hotel, um homem encurvado, taciturno. Cruza pela sala, passa a mão numa cadeira e, dirigindo-se ao quarto, coloca-a ao lado da cabeceira da cama. Deita-se sem tirar os sapatos.

- Preciso contar para alguém... sente na cadeira e escute!

- Ordena.

Naquele arremedo de consultório de psicanalista, passo a ouvir, confesso que com desagrado, o palavrório de meu colega uruguaio.

- ...uma existência correta, de amores proibidos, um elevado tecnicismo, misticismo técnico. Preciso falar sobre um paciente, um paciente muito especial, o senhor Olmedo. Conheci-o num inverno há muitos e muitos anos, inverno cruel, úmido e frio. As inclemências do tempo fizeram vir à tona, como sói acontecer, a enfermidade de meu cliente. Naquele inverno o processo se revelou no pé esquerdo...

O cirurgião acelera progressivamente o fluxo de suas palavras.

- Seu corpo, outrora atlético, oferecia um aspecto lamentável, vi nele toda a dor de um gigante derrubado, lutei contra a enfermidade, tive que amputar parte de seu pé esquerdo...

- Por favor, fale pausadamente...

- ...uma operação mínima que preconizo entre meus alunos, permite caminhar bem ou quase bem, se claudica um pouco ao andar, a ele, aquilo lhe resultava insuportável o pé recortado não podia tolerar não se encontrava preparado para a vida para a dor para o sofrimento sofria de uma malformação filosófica...

- Por favor, não engula as vírgulas...

- ...aquele homem enfermo estava casado com uma formosa mulher não havia eu reparado nela até então eram inseparáveis companheiros e vinham juntos à consulta todavia nunca lhe havia prestado eu antes maior atenção houve um dia dia de tensão de angústia como sucede no curso de enfermidades prolongadas esse dia nos miramos de outra maneira foi algo assim como uma vacilação...

Fala sem interrupção. Para ele, não existo! Irritado, domino a vontade de enxotá-lo de meu quarto.

- ...uma impressão fugaz uma mensagem assim começou tudo em um café de uma rua arborizada a pouca distância do hospital tivemos ela e eu muitas horas ausentes para os demais que foram nossas pareceu-me haver encontrado a alma gêmea a que havia desejado tanto...

- Por favor, *despacito*...

- ...a que ansiava encontrar desde que Esmeria me abandonou...

Esse homem, será que algum dia deteve-se para pensar?!

- ...surgiu um amor imorredouro naturalmente nada mudou com meu enfermo nada podia alterar as relações profissionais que mantinha com o senhor Olmedo.

Finalmente, faz uma pausa. Para respirar...

-Logo ela foi minha porém entre nós entre ela e eu começou a levantar uma sombra sombra deformada e cruel sombra que crescia à medida que o corpo do senhor Olmedo ia apequenando-se é fato que me vi obrigado a praticar novas operações no curso dos meses e dos anos as fui realizando de forma sucessiva...

- Cale-se!!! – Grito a plenos pulmões.

- Volto amanhã no mesmo horário.

- Na vida, precisamos do silêncio, da quietude, da reflexão, do escutar, do pensar...

Já havia saído. Jogo contra a parede, num ato impensado, um livro que estava sobre a mesa da sala da suíte. Calma. Devo ter calma. Junto-o com carinho: contos de J. Botto.

À noite, com um certo adormecimento cerebral, janto num dos tradicionais restaurantes do porto de Montevidéu, mastigando indolente um farto churrasco gaúcho. Faço planos de mudar de profissão. Maregrafista? Sim, maregrafista. Por que em meu teste vocacional não havia tal opção?

Na manhã seguinte, acordo com um telefonema:

- Janaína foi seqüestrada...

- Como, minha namorada...?!

- Faremos contato amanhã. Não fale com ninguém a respeito, nem com os familiares dela. Caso desobedeça, amputaremos o membro inferior direito ao nível da coxa.

- Meu Deus!

- Não fale para a polícia, nem para seu travesseiro. Aguarde instruções calado, bem calado.

- Quem é você?

O telefone é desligado. Agitado, caminho de um lado para outro.

- É trote!

Telefono para o celular de Janaína, desligado. Passo toda aquele resto de manhã arrastando-me, pateta, pelas calçadas da avenida 18 de Julho.

- Pobre Janaína...

Tomo chá preto, engulo bolachas aos migalhos na Oro Del Rin e continuo a carregar-me, passageiro, como a um sonâmbulo, pela 18 de Julho.

- Pobre Janaína. Se avisar à polícia, amputarão sua perna.

No horário de sempre, tendo nas mãos o livro de contos que maltratei no dia anterior, recebo no hotel o cirurgião uruguaio, que cruza resolutamente a sala, acomoda-se na cama sem retirar os sapatos e...

- Não gostaria nem de lhe contar tive de amputar o membro inferior direito do senhor Olmedo ao nível da parte superior da coxa...

- Ao nível da coxa?! Membro inferior direito?! Direito?!!!

- ...tive de seccionar o membro inferior direito e o proibido amor se agiganta cruel e... excitante o amor cresce na mesma proporção em que o senhor Olmedo diminui.

- Caro colega, eu penso que...

- Era como se nosso amor voraz e avassalante se nutrisse com os *desechos* daquele corpo mutilado entre nós crescia a sombra da dúvida ela começou a ser tomada por dúvidas e desconfianças começou a suspeitar de mim suspeitar de mim e de minha técnica cirúrgica em realidade sofria de um complexo de culpa que projetava sobre mim por essa época comecei a dar-me conta que a perdia se passaram meses de dedicação e trabalho cirúrgico da mais alta precisão para que entrar em detalhes? Para que contar...? Havia dias que me era difícil vê-lo momentos em que quase o odiava logo estava eu lá dedicado a proceder a mais uma derivação visceral salvadora...

- Que horror!

- ...os meus encontros com sua mulher foram espaçando-se não porque nos amássemos menos mas porque ela assim o queria ela chegava a desejar para ele a morte imediata eu o queria vivo mutilado mas vivo um corpo pequeno mas pensante a enfermidade do senhor Olmedo queria subir sim para o tórax foi então que concebi a idéia a mais audaz concepção cirúrgica de minha vida inventei uma operação para o senhor Olmedo alguém a acusara de irracional pensei mas... não se pode contentar a todos e a técnica me colocará na posteridade porque levará meu nome se os males se encontram na parte inferior do corpo antes que subam... há que se desembaraçar da parte inferior do corpo.

- Por favor, não me diga que dividiu o senhor Olmedo ao meio?! – Grito espantado.

- Volto amanhã às 18h.

Sai às pressas do quarto e me deixa dominado por inenarrável comoção. O que esse homem tem a ver com o seqüestro de Janaína?!

À noite, estonteado, saio a perambular sem rumo. Há jogo no Estádio Centenário: Penharol x Boca Júniors. É o que parece, não tenho certeza. Consigo assistir apenas ao primeiro tempo. Janaína e o retaliado senhor Olmedo me desassossegam por inteiro. Como um sonâmbulo, volto ao hotel. Deito. É com se nunca houvesse saído daquele afogo de quarto. Cubro os olhos com a mão do relógio de pulso. Como é triste escutar, pancada por pancada, o suceder interminável dos segundos.

Pela manhã, o telefone me acorda:

- Janaína está em Montevideú. Aguarde contato para hoje.

- Como?!

Desligam. Janaína em Montevideú?! A voz do sequestrador não é a mesma que me contratou para vir ao Uruguai atender ao cirurgião?! Quem é que me coloca nessa situação-limite? Quem é que me deixa sem ação? Que me obriga a pensar, pensar e pensar?

Sentado em um banco da praça Cagancha, sou incapaz de formar qualquer raciocínio que seja lógico.

- Um dia a propus ao senhor Olmedo que me escutou em silêncio – conta meu cliente ao recomençar sua tradicional sessão das 18h - olhou diretamente em meus olhos fez poucas perguntas como em todos os casos graves em tais situações se

fala pouco porque se intui a verdade pediu-me quarenta e oito horas para pensar...

Sinto-me tão retaliado quanto o esquadrejado corpo do senhor Olmedo. Olmedo, a mulher de Olmedo, Janaína, eu, todos, todos os seres humanos nestes tempos de enaltecimento da ação, da ação emalada pelos efeitos especiais, todos nós somos apequenados, reduzidos, induzidos ao irreflexo, apeados de nossas mais evoluídas funções mentais.

O que esse homem ora deitado em minha cama tem a ver com o sequestro de Janaína? Não consigo pensar, minha mente não raciocina, apequenou-se. Gostaria de agir. Mas que ação?

- ...o senhor Olmedo aceitou...

Com minhas reflexões, perco frases e frases porque o cirurgião uruguaio fala e fala sem se importar com minha postura atenta ou não.

- ...poucos dias mais tarde ajudado por cirurgiões amigos realizei a operação em poucos minutos o seccionei a alguns centímetros por debaixo da cintura sobreviveu vários dias...

- Pare de falar! – Grito tomado por avassaladora angústia.

- ... tomei várias fotos para documentar o caso cirúrgico fiz slides são ilustrativos mostram o senhor Olmedo apoiado sobre seus braços desnudo o que sobrou de um outrora atlético corpo nunca vou me esquecer de sua imagem apoiado sobre os braços sobre a cama do hospital o pequeno corpo braços cabeça e tronco no ar...

- Pare! – Pulo em pé sobre a cama.

- ...vi-o ainda uma vez na mesa do necrotério ocorre que poucos dias após a operação houve um erro de cálculo na quantidade de soro que se estava administrando... pudera... em corpo tão reduzido...

Ergo-o pelo colarinho e o coloco de pé ao lado da cama.

-...isso logicamente não altera em nada o bom resultado da nova técnica cirúrgica...

Bato a porta com força: que esse maldito cirurgião-músculo-ação nunca mais apareça. A sós, banhado de suor, seguro com ambas as mãos as asas inquietas de meu nariz. O celular chama.

- É Janaína...

- Janaína?!

- Estou chegando querido...

- Chegando?!

- Surpresa! Teu colega, J.Salton, convenceu-me a vir a Montevidéu. Ah! Ah! Ele me hipnotizou por telefone, sem eu saber. Ah! Ah! No Aeroporto de Carrasco, também por telefone, me tirou do transe hipnótico. É assim que se diz, não é? Gostei, meu querido. Gostei! Não sabia que a hipnose era tão gostosa. Estou louca para te ver. Não posso te dizer as sacanagens que gostaria.... Ah! Ah! Estou num táxi... Acabamos de entrar na calle Paraguay.

- A rua do hotel!

- Champanha, querido. Quero a banheira cheia de champanha.

J.Salton hipnotizou Janaína? A voz, sim a voz era a dele. Seqüestro?! Inventou tudo. Como eu caí nessa?

Levanto pensativo. Encontro o livro de J. Botto. Sento. Abro-o ao acaso e, ora, ora, o que leio?

- *Um corpo desaparece.*

Um conto. Um conto sobre o senhor Olmedo, sobre um suposto cirurgião uruguaio.

Paro na frente do espelho do banheiro e fico a me olhar. Meu pescoço está comprido, muito comprido. Já sei, já sei. A voz... J. Salton hipnotizou-me por telefone e me mandou para cá. Comprei o livro por ordem hipnótica e me tranquei no quarto a lê-lo. Já sei. J.Salton quis me provar.... Talvez eu ainda esteja sob seu comando.

- Um, dois, três...

Creio que agora... sim, acordei da hipnose.

Meu pescoço está se alongando.

Lavo o rosto. Acordei? Sim, acordei.

Ouçõ batidas na porta.

- Janaína, meu amor!

- B.J., meu querido namorado!

- Como são deliciosos teus lábios fortes! Esse teu pousar de ave fugitiva...

Num brando movimento, minha namorada me faz calar. Só agora reparo na afável pequenez de sua mão.

- Neste instante, começa nossa lua de...? De...?

- ...mel!

- A nossa lua-de-mel!

- Janaína, é impressão minha ou meu pescoço está comprido?

- Ah! Ah! Deixa-me ver? Um pouquinho, um pouquinho, meu amor. Você sonhou?

- É... digamos que sonhei. “Interrogo as estrelas e elas se calam; interrogo o dia e a noite, nada respondem. Quando a mim interrogo, do fundo de mim mesmo vêm... sonhos inexplicáveis”. É de Holderlin. Que acha de sua poesia?

- Mas sonhar com pescoço comprido? Freud explica?

- Significa que, de agora em diante, meus pensamentos, ao se elevarem do coração para a cabeça, terão mais tempo para serem pesados e medidos.

- Transformações à vista? Não creio.

- Se levarmos um asno bem longe, e mesmo até a Meca, voltará um asno? Você me vê assim, como um asno?

- O meu asno, você é o meu asno.

- Eu, assim como o século vinte, tínhamos o pescoço muito curto.

Beijos. O estouro da champanha. Beijos. Brindes.

- À minha namorada!

- Ao terapeuta de pescoço comprido!

Está tudo maravilhoso. Só uma coisa não compreendo. Final feliz? Final feliz em história na qual eu, Baleia Júnior, sou partícipe? Espere aí. Não é o final. Tanto é que meu celular está chamando.

Deixa chamar. Até chegar a meu cérebro... muito a banheira vai jogar. Meu pescoço é muito comprido.

Entro na banheira feliz com meu pescoço comprido. Resvalo, uma pequena resvalada, suficiente, quando se tem um pescoço comprido, para aquele conhecido mau-jeito que desencadeia o torcicolo. Levo a mão ao pescoço. Torcicolo, não há dúvida. Melhor tratá-lo já. Janaína, absorta em imaginação apaixonada, um pouco mergulha, um pouco bebe a champanha

da banheira. Disco para a portaria, preciso que um médico me oriente. Que presteza no atender! Um doutor já se dirige ao meu quarto. Enrolado na toalha, vou até a porta. Abro-a.

- Não! O cirurgião uruguaio, não!!(8)

PISANDO NA BORBOLETA

Perdoar a quem não se arrepende é como desenhar figuras na água.

Paris! Ah! Paris! Do Aeroporto Charles De Gaulle até a Avenue de Wagram, o táxi me transporta sobre nuvens, nuvens de fantasias, doces fantasias alimentadas desde a infância por meu avô que aqui viveu no início do século. À minha frente, Arc de Triomphe! Agora, já estamos na Avenue Victor Hugo. Outro século começa, e é a vez de o neto curtir Paris.

No Hotel Presidente, na Saint-Didier com a Lauriston, um recado me aguarda. Devo me apresentar já neste final de tarde na Rue Des Volontaires, próximo ao Hospital St. Jacques. Obediente, tomo o metrô na Trocadéro e desço na Estação Volontaires.

Aperto no interfone de um apartamento térreo de um prédio antigo e pequeno. A porta é aberta sem ninguém responder. O mesmo se passa quando aciono a campainha do apartamento. Entro. Ninguém. Ouço barulho de fechar de porta atrás de mim, como se alguém tivesse saído. Indeciso caminho até a sala. Silêncio. Descubro um corredor. Silêncio rompido por rancos intermitentes. Espio por uma porta. Alguém dorme e ronca enrolado em uma colcha.

Acordo-o?

Resolvo esperar.

Vou à cozinha, preparo um café e me sento junto à mesa da sala apreciando o tênue movimento das folhas verdes de uma árvore isolada no pequeno pátio cercado por muro alto.

Paris... Aaaah... Paris... O sono derruba minha cabeça sobre a mesa... Sonho. De joelhos, com as mãos em reza, um rifle encostado em minha cabeça.... Não! Por favor, não!! Acordo resmungando. Esfrego os olhos com os dedos da mão direita. Aprecio o tênue movimento das folhas verdes da árvore isolada... Um rifle encostado em minha cabeça. Estou suando. Vou ao banheiro. Lavo o rosto. Olho-me no espelho. Não me agrada o que vejo! Há muito, os espelhos baixam minha auto-estima.

Vou acordar esse sujeito. Preciso aclarar o motivo de minha vinda à França...

- Não atire! – Grito.

Ao entrar na sala, vejo um homem de vinte e poucos anos, cara de sono, apontando um rifle em minha direção.

- Tome – diz alcançando-me a arma. – Acabe com isso de uma vez.

Ajoelha-se, baixa a cabeça e, colocando as mãos em reza, murmura:

- Mire com precisão.

Distraio-me pensando na capacidade de antevisão de meu inconsciente. Sonhara cena parecida. Minha mente, conluo orgulhoso, aos poucos desenvolve talentos raros...

- Um único tiro, por favor.

Vejo beleza naquele corpo jovem e másculo, alto e harmonioso; no rosto sem rugas, barba feita, cabelos bem cuidados. Fato aliás que me deixa constrangido. Recém havia me examinado ao espelho... A inveja funesta meu coração. Confesso que tenho vontade de puxar o gatilho.

Num impulso preventivo, joga a arma no pátio. Ouço um estampido, tipo um som de trovão. As folhas verdes ondulantes que eu apreciara, despencam, inermes, em grupo, agarradas ao galho atingido.

O homem bonito levanta do chão. Bom gosto no vestir. Combina-lhe o azul. Olha-me nos olhos.

- Há muito não me sentia tão bem.

- Eu também – respondo sem pensar, lembrando do orgulho por minha capacidade de antever aquela cena.

- Será... será que tem perdão para um sujeito como eu?

A campainha toca por entre o barulho de batidas na porta.

- Polícia! Ih, rapaz! Vamos perder de três a quatro horas dando explicações na delegacia sobre o disparo. A não ser que...- aponta para o pátio.

Sim, vamos fugir. Aquele homem que eu nem sei quem é exerce o poder de guiar meus passos. Subimos pela árvore ao topo do muro. A seu pedido, eu transporto a arma. A polícia acabará arrombando a porta, mas, sem encontrar pessoas nem armas, dará o caso por encerrado.

Caímos no pátio do Hospital St. Jacques, bem próximos ao automóvel Mercedes de meu novo conhecido. Conta-me que esse é seu segundo carro e que essa é a sua saída de emergência, muito utilizada por sinal.

- Mulheres... mulheres...
- Bem posso imaginar quantas mulheres.... Você é um homem bonito – digo sem pensar.
- Sou heterossexual.
- Também eu.
- Quanto meu pai vai te pagar?
- Ainda não sei. Aliás, apenas recebi um recado, não falei com ninguém.
- Ele estava no apartamento. Deve ter ido embora.
- Ah! Então foi ele quem abriu a porta...
- Muito trabalho?
- Sim, muito. Ando até sem munição – respondo sorrindo.
- Você me dá um dia?
- Sim, em Paris não há pressa para se acabar o serviço – sorrio novamente.

Leva-me até o Hotel Presidente. Discutimos, insiste em deixar comigo a arma. Dou-lhe um não categórico.

Tomo banho de banheira.

Caminho pela Rue de Longchamp em busca de um café. Noite agradável em Paris. Olhos ao enalço da Torre Eiffel. A Torre Eiffel lembra um pescoço comprido.

Às 13 horas do dia seguinte, em acordo a recado recebido no hotel, encontro-me com o homem bonito no Café Kleber, no Trocadero.

- Qual é seu nome?

- Trouxe o rifle e a munição, estão no porta-malas do carro. Por mim, acabamos com isso ainda hoje. Não me diga que não sabe meu nome? Ih, rapaz! Faz o serviço no cara sem saber o nome do cara?

- Ei?! – Começo a compreender o que ele está a imaginar.

Somos interrompidos por duas jovens que lhe solicitam autógrafos. Seguem-se mais duas. Solícito, deixa-se fotografar junto a elas.

- As mulheres sempre foram fascinadas por mim. E isso se deve a meu jeito natural de olhar. Nada além disso. Não me engano. Olhar abstrato, fixo num ponto imaginário. Ah! Meu nome? Bem, são os pais que possuem o poder de dar o nome aos filhos, não? Sendo assim, agora me chamo Glória ou Eckels. Prefiro Eckels.

Comemos uma pizza interrompida por fotos, fotos e mais fotos. Há um momento em que, cansadas de esperar sua vez, algumas garotas sacam fotos comigo. Outra me diz: “Autografa você mesmo!”

E o celular... o celular de Eckels importuna a cada minuto: mulheres, sempre elas.

- As mulheres... como te procuram!

- Ih, rapaz! Falam muito e adoram fotografia – comenta com a boca cheia de pizza.

Onde conversar em paz? Acabamos em Notre Dame com o celular desligado. Escolhemos um canto de banco, longe dos fiéis e dos turistas. Uma lástima que, até chegar lá, Eckels tivesse tido a camisa rasgada e ambas as orelhas mordidas, mordidinhas levadas.

- Meu querido pai, um bem sucedido-homem de negócios, presenteou-me com dois livros. Por muitos anos, manteve amizade estreita com uma grande escritora: Marguerite Yourcenar. Adquiriu gosto literário. Nada disse, apenas entregou os livros. Aliás, ordenou: “Escolha o personagem”.

Lágrimas. Enxuga-as.

- Meu pai tem razão. A personagem de Horace McCoy revela uma faceta minha. De certa forma, sou uma vítima. Você já deve ter percebido isso. Vítima de um destino que não foi feito por mim. Vítima da natureza humana, da natureza sedutora do ser humano.

- Você se refere a *Mas não se mata cavalo*?

- Leste?

- Sim, mas não lembro bem.

- Glória tentava a sorte em Hollywood, período de recessão e desemprego. Acaba, para não morrer de fome, tentando ganhar a vida numa maratona de dança junto com um outro miserável, Robert, que na infância vira seu querido avô matar a égua Nellie com um tiro. Ela quebrara a pata num buraco. “Era a melhor coisa que eu podia fazer”, disse o avô. “Ela não prestava pra mais nada. Era o único jeito de livrá-la

daquele sofrimento...”. Pois bem, os dois já não aguentam mais dançar. Glória desiste, desiste da vida.

- Estou lembrando... a pista de dança ficava junto a um trapiche.

- Glória disse a Robert: “Tome esta arma e atire por amor de Deus. É o único jeito de sair dessa miséria”. Robert lembrou-se da égua Nellie e pensou: “Glória está certa”. Puxou o gatilho. “Por que foi que você matou a moça?”, perguntara o policial. “Ela me pediu.” “Essa é a única desculpa que você encontra?”

Lágrimas descem por sua face.

- Sabe o que respondeu Robert? Respondeu: “Mas não se mata cavalo?”

Com os olhos umedecidos, aprecio o vai-e-vem dos turistas. Penso: aonde meu novo cliente quer chegar?

- Eckel, creio que tua situação e a de Glória apresentam um ponto em comum: vocês se sentem sem saída. Mas não estamos numa recessão, você não acaba de dançar setenta e duas horas e, afinal, o que te aflige é algo bem melhor do que a miséria. Afinal, muitos gostariam de dirigir uma Mercedes.

- Estou cansado das mulheres. Sabe o que é ter de fazer sexo todos os turnos do dia e com mulheres diferentes e todos os dias da semana? Mas, reconheço, essa cruz dá para ser carregada. Meu personagem não é Glória, é Eckel.

Lá pelas tantas, menos alguns minutos, porque eu já me encontrava perdido no tempo e na vida, entra pela igreja um rumor de povo. O alvoroço das mulheres de um grupo de turistas brasileiros ao verem meu cliente no canto da igreja

desaloja o padre da sacristia. Desengraçado, o sacerdote ordena nossa retirada de Notre Dame.

Eckel convida-me a acompanhá-lo até ao Boulevard Haussmann, um compromisso o convoca às Galeries Lafayette/Magasin Principal.

Nada parecido em termos de beleza feminina, em termos de sedução, em termos de sucesso masculino, contemplara até então. Eckels é pago para olhar vitrinas acompanhando jovens gêmeas. Sim, não é só uma mulher bonita. São duas, ela e seu clone. Creio que, ao todo, vinte duplas disputam, com suas vozes aflautadas, lugar ao lado de meu cliente. Trata-se do tradicional Passeio das Gêmeas promovido mensalmente pela Galeries Lafayette.

O sol já ia fraco naquele dia ímpar em minha vida: um homem que, sem esforço, por sua natureza, seduz a todas as mulheres e que, enjoado disso, pensa em pedir a alguém que o mate. Será isso o que se passa? Não, essa hipótese não me convence.

Principia o lusco-fusco e caminhamos, mudos, junto ao Sena.

Os *Bateaux Mouches* andam mais rápidos do que nós. Um vem perto, atraca, entramos. Na última fila de cadeiras, quase que escondidos, deslizando sobre as águas, fico sabendo o verdadeiro motivo, o motivo justo, mais do que justo, para que Eckels fosse executado com um tiro na cabeça.

- Eckels é o nome dado pelo escritor Ray Douglas Bradbury a um personagem que vive no ano 2055. Leste?

- Não creio.

- Deixa eu me esconder na tua sombra para que aquelas espanholas não me vejam.

Falando em tom baixo, meu cliente vai me pondo ao par do conto *Um som de trovão*.

Com o avanço da técnica, já fora possível construir uma Máquina do Tempo que permitia aos habitantes da Terra organizarem sofisticados safáris ao passado. Na carta de propaganda se lê: “Safáris em qualquer ano do passado. Você escolhe o animal. Nós o levamos até ele. Você o mata”.

O animal escolhido era caçado segundos antes da hora em que iria naturalmente morrer. E havia que se ter extremo cuidado para não matar mais nada. Nem um rato. Porque, matando um rato, todas as demais famílias oriundas desse rato não existiriam. Por falta de dez ratos, uma raposa morre. Por falta de dez raposas um tigre morre de fome. Passados milhões de anos, um homem das cavernas sai à caça e não encontra o tigre que iria encontrar e naturalmente comer. Esse homem morre antes de reproduzir. Em conseqüência, milhares de homens não mais nascerão. Um povo todo não existirá.

Eckels, que escolhera matar um *Tyranosaurus rex*, volta no tempo levado pelo guia Travis, que o adverte: “Muito cuidado! Sob nenhuma hipótese, admitimos alterar o futuro”. Todavia, por desatenção, Eckels se desequilibra e pisa com a bota direita a grama, fora da plataforma suspensa onde deveria permanecer. Pisa apenas uma vez. Um único pisão.

De volta ao ano 2055, Eckels observa que a sala de onde haviam partido está lá, mas não é *exatamente* a mesma. O mesmo homem está sentado atrás do mesmo balcão, mas o mesmo homem não está sentado *exatamente* atrás do mesmo

balcão. Há algo diferente no aroma do ar. As mesmas ruas estão lá, mas não são *exatamente* as mesmas ruas. O cartaz de propaganda do safári está lá, mas algumas letras...: “Safarix em quaxquer ano do paxxado...”

Temendo o pior, o personagem de Bradbury examina a sola de sua bota direita: há barro e, que horror, há uma borboleta morta!

A Terra será outra para sempre. Não haverá reparação possível. Eckels, ajoelhado, com as mãos em reza, espera por Travis, que agarra o rifle, faz pontaria e puxa o gatilho. Sim, não há perdão para Eckels. Prova é o próprio som que se ouve em sua execução. Não é o de tiro, é som de trovão.

Quando o barco passa pela Statue de la Liberté, meu cliente comenta:

- Sem nenhuma possibilidade de reparação do mal, não pode haver perdão.

Concordo com o balançar afirmativo da cabeça. As luzes da margem parecem repicar na água e penetrar dentro de meus olhos.

- Meu amigo – pergunto - que borboleta você matou?

- Sou amante de duas irmãs gêmeas.

- Só isso!?

- Ao mesmo tempo...

- Ora, como você é rígido! Você e seu pai! Compará-lo com o Eckels do Bradbury?!

-...transo com elas ao mesmo tempo, na mesma cama... na mesma hora... entende o que eu digo? ...

- Eu sei, são irmãs, é complicado e tudo o mais. Mas, convenhamos, nada a ver com o pisar a borboleta!

- Elas são irmãs entre si e....

- Sim, gêmeas, você já disse.

- ...são minhas irmãs. Irmãs mais novas. As únicas irmãs que tenho.

- Pare! Pare de falar! – Grito atônito. – Você faz sexo com as tuas irmãs? Únicas irmãs? Gêmeas? Na mesma cama? Na mesma hora? Você... você é o que afinal?!

- Quinze anos... a idade delas.

- O quê!?

Descemos do barco na primeira parada. Cães mordem o ar, querendo morder mosquitos. Há mosquitos na Cidade Luz? Ao cruzarmos pela Point des Invalides eu já estou decidido. Basta encontrarmos um local adequado.

No carro Mercedes de Eckels, mergulhamos num túnel. É o da Princesa Daiana? Saímos dele. Andamos muito. Calados. Com a cabeça escorada no vidro da janela, vou lendo algumas placas de ruas: Boulevard Pasteur, Avenue Du Maine...

A partir da Avenue Aristide Briand, percebemos que um carro nos segue.

- O amigo de Marguerite Yourcenar... – balbucia Eckels.

Paramos defronte a uma casa isolada. Estrondos de turbina de avião. Pelo visto, estamos bem próximos à cabeceira da pista. Retiramos do porta-malas a arma e a munição. Antes de nos fecharmos naquela casa desabitada, ouvimos as turbinas e as luzes de uma grande aeronave. O homem bonito escolhera bem o local. Basta combinar tiro com aterrissagem.

Vamos à cozinha.

- Escuta! – Diz um de nós fazendo o outro parar.

Ruídos de chave em fechadura! Deve ser na porta dos fundos. Mudamos a direção e acabamos num quarto. Descanso a arma sobre uma cama de solteiro. Preparo a munição.

Silêncio.

Silêncio rompido por turbinas. A arma está pronta e está em meu colo. Estou sentado sobre a cama. O silêncio agora é rompido pela descarga de um vaso sanitário. Levantamos de pronto, caminhamos a passos largos pelo corredor, dobramos em direção à sala, deixando o banheiro para trás. O banheiro, a cozinha, o quarto, a porta dos fundos... Passos no corredor nos fazem cruzar mais uma porta e ir para a saleta de entrada, o último reduto. Tosses, limpar de garganta, mais um espaço ocupado atrás de nós. Não há mais aonde ir. Com a arma na mão, pergunto a mim mesmo o que fazer. Eckels está imóvel, sem ação.

Resolvo pensar. Tosses, limpar de garganta e eu pensando. A maçaneta da porta está sendo forçada e eu pensando. Ocorre-me uma idéia. A comunicação entre pai e filho se fez, até agora, via literatura. Essa é a linguagem. Bem...

A tosse e o limpar de garganta começam a me irritar. Afinal, o amigo de Marguerite Yourcemar está querendo me colocar num papel que não é meu. Nunca executei nem a um animal. Ora, se alguém pensa em agir como Travis, que empunhe a arma! Que assuma a sua responsabilidade nessa tragédia familiar! E que eu assumo meu papel de terapeuta e não saia dele.

Encosto a arma na parede e um clarão ilumina minha mente: eu que nunca recordo poesias, agora, nesta situação-limite, quase que por milagre recordo de José Régio.

Aproximo-me do homem bonito e sussurro em seu ouvido a poesia duas, três, inúmeras vezes até ter certeza dele a haver decorado. Abro a porta da frente e saio fechando-a com força atrás de mim. Dever cumprido. Filho e pai... pensem! Que o poeta os ajude!

No alto, sobre a placidez da noite, estrelas prenunciam bom tempo. O som que escuto não é o som de trovão, é o das turbinas do avião que cruza enorme sobre minha cabeça.

Manobrando o automóvel do homem bonito, murmuro:

- “Eu sou o esboço de Alguém que esteve quase a nascer, mas não nasceu... Senhor! ... responde, Senhor, meu Autor, Criador nosso, culpado disso que sou! Por que animaste o esboço da obra que Te falhou?” Bem... que o pai compreenda o quanto o criador é responsável pelo que cria.

Na Avenue Aristide Brand, me ocorrem algumas idéias. Um ser perfeito faz coisas perfeitas. Se foi Deus que criou o *homo sapiens*... Bem, ele olha para baixo e o que vê: tudo o que ele planejou está aqui, mas não é *exatamente* como ele planejou. O mesmo homem está aqui, mas não é *exatamente* o mesmo homem. Se Deus examinar a sola de sua bota, exclamará: “Pisei na borboleta!” Só pode ter ocorrido isso, porque de ser perfeito, projeto perfeito.

Estaciono na Avenue de Suffren e caminho em direção à Torre Eiffel. Meu avô muito me falou dessa torre mágica construída em 1889. No início do século, todos estiveram aqui: Lênin, Santos Dumont, Van Gogh, Einstein, Marconi, Thomas Edson. Impossível numerá-los a todos. Alegres pelas obras maravilhosas que, imaginavam, iriam no novo século construir.

Meu avô, eufórico a trilhar, quem sabe, o mesmíssimo caminho que aqui faço.

Entendo o sonho em que me vi ajoelhado esperando o tiro de misericórdia. Todos que, deuses, construímos o século vinte sabemos que não há como reparar duas guerras mundiais, Nagasachi, o holocausto, torturas, crianças morrendo de fome nas biáfras de todos os continentes. E a violência íntima? Quantas famílias foram atingidas por desgraças tipo esse sororato de que acabo de tomar conhecimento aqui em Paris?

No pé da torre, aguardando o elevador, escondo o choro. Não nos perdoamos. Pudera, perdoar a quem não se arrepende é como desenhar figuras na água.

Estou no alto da Torre Eiffel e o mar de luzes, lá embaixo, acende em mim uma chama de esperança. A vida nos fez aprender a pensar mais, a agir menos, o século vinte e um será diferente. Faremos coisas malfeitas, admito, mas nenhuma irreparável. Observaremos bem onde pisar.

Permaneço enlevado por sentimentos que nem sei definir, os melhores que já tive. Em torno de mim, uma pacífica babel de idiomas; muita alegria em italiano, inglês, espanhol, alemão.

Entretido, distraído, miro o chão. Que belo gramado rodeia a torre. Iluminado. Recém caminhei por ele, nem observei seu verdor. O velho hábito do século passado: andar divagando, borboleteando, sem olhar onde pisa... Pisei o gramado! E mais alguma coisa eu pisei?! Temendo o pior, já pálido, examino, em câmara lenta, a sola de minha bota direita.

* * * * *

DISCUSSÕES IMPERTINENTES VIA E-MAIL:

(1) _____

J.S. – O colega é alugado para apanhar?

B.J. – Preciso de um cão de guarda. Compreendo Freud com Wolf roendo um osso a seus pés.

J.S. – Freud? Creio que a *vendetta* de Mira o deixou feliz...

(2) _____

B.J. – Para início de conversa e antes que você ataque a hipnose, lembro do artigo de Freud, *Um caso de cura pelo hipnotismo*.

J.S. – Isso se passou em 1892. Foi a partir de 1900 que Freud começou a pensar. Leia o que ele escreveu no século vinte, aliás, século em que, em seu início, algumas pessoas pararam e pensaram.

B.J. – Não há mais tempo para parar e pensar.

J.S. – Reconheço: você é um terapeuta adaptado à cultura dominante. A propósito, você citou Kant e Hegel sobre a leitura pelo estômago. As vozes, é verdade, nem sempre saem do cérebro.

B.J. – Ofensa?

J.S. – Não estou dizendo tuas vozes saem das tripas. Elas saem dos músculos. Como George Clooney: músculo-ação! E, por via das dúvidas, siga o conselho que diz: “No dia em que as desgraças tiverem descoberto o endereço de tua casa, muda-te”.

B.J. – Jamais mudarei de endereço por covardia!

J.S. – Quem sabe outra mudança? A propósito do livro, envie-me de uma vez o restante do texto. Antes que seja tarde...

(3) _____

J.S. – Todo o terapeuta deve ter um avô e uma gangorra.

B.J. – Vovô parou de dar vexame. Os padeiros nunca estiveram tão bem. Vovó também. O que você quer mais?

J.S. – OK. Nada está errado sempre. Até um relógio parado está certo duas vezes por dia.

(4) _____

J.S. – Você concorda com Shakespeare em muitas coisas mais. Nele a loucura sempre ocupa um lugar extremo no sentido de que ela não tem recurso. Nada a traz de volta à razão. “É um mal bem além de minha prática”, diz o médico a respeito de Lady Mcbeth. Uma loucura que não precisa de médico, apenas de misericórdia divina.

B.J. – O celular está chamando.

J.S. – Uma loucura que não precisa de terapeuta.... Ou, segundo você, precisa apenas de um terapeuta-esponja.

B.J. – Desculpe interromper, é Marta!

(5) _____

J.S. – Você, B.J., legítimo feiticeiro pós-moderno, só estará bem, mas só estará bem, onde você não estiver.

B.J. – Sem comentários.

(6) _____

B.J. – Meu amigo, não ando bom da cabeça. Câmbio.

J.S. – Você não ficou muito tempo rodando a cabeça para acompanhar tua cliente na máquina giratória? Câmbio.

(7) _____

J.S. – Meu amigo, desejo do fundo do coração que com esse grito teu pensamento saia do silêncio e inicie um diálogo com o desatino, com esse caldeirão de mil ingredientes que é a vida humana. Que a ação permita um espaço à reflexão.

D.P. – O proprietário deste e-mail está fora de circulação. Dep. Polícia. Flórida.

(8) _____

B.J. – Que susto! Acho que foi a champanha que me fez delirar.

J.S. - Terapeuta de pescoço comprido, hein? J. Botto te fez pensar. Parabéns.

B.J. – Prisioneiro da passagem, isso é que somos.

J.S. - Foucault?

B.J. – Ando fazendo algumas leituras.

J. S. - A Narrenschiff?

B.J. - Sim, a Nau dos Loucos, estranho barco que desliza ao longo dos calmos rios da Renânia e dos canais flamengos...

J.S. - O que fazer com a loucura humana no século XIV? Não era prático pagar aos marinheiros para levarem em seus barcos...? Eu sei, eu sei, porto nenhum aceitava que descessem...

B.J. - Passageiros por excelência. Desembarcar? Nunca mais...

J.S. - Eternos passageiros. Prisioneiros da passagem.

B.J. - Você, psiquiatra, é o marinheiro moderno...

J.S. – Você, meu amigo B.J., você é a própria nau... A nau que conduz a loucura dos outros por “rios de mil braços”, por “mares de mil caminhos”. De agora em diante, vou chamá-lo de meu amigo Narrenschiff.

(9)_____

J.S. – Desculpe-me a indelicadeza: você não é terapeuta de casos difíceis, é terapeuta que torna os casos difíceis. Aliás, neste último, houve considerável melhora. “Filho e pai... pensem!” Muito bem! Até então, você permanecia dando voltas por aí, passeava com o paciente, tomava, com ele, chá de garfo...

B.J. – Chá de garfo?!

J.S. – Na minha região, os antigos chamavam aqueles que rodeavam, rodeavam e nunca abordavam o que realmente interessava, o busílis da questão de donos de uma conversa de *chá de garfo*. No século XX, a humanidade rodeou, rodeu e não encarou de frente seus problemas básicos: pobreza, violência, camada de ozônio...

B.J. – Você a de reconhecer, estou tentando parar e olhar com calma para minhas bases.

J.S. – Conseguiremos não perder de todo nossa capacidade de pensar? A propósito, vou desligar e examinar com cuidado a sola de minha bota direita... e a da esquerda também.

ATENÇÃO: na orelha deve constar o choque dos binômios músculo-ação X pensamento-imaginação.

ATENÇÃO: a capa deve ter quadros: xícara, garfo, elefante, foto de Chicago, gangorra, astronauta, gato, árabe, o quadro *O GRITO*.

ATENÇÃO: na contracapa deve constar:

.....

Literatura e humor. As aventuras hollywoodianas de um terapeuta *especializado* em casos perdidos. Sátira da cultura do *músculo-ação*, tão em moda nesta virada de milênio.

.....

Autor recomendado por escritores, críticos, psiquiatras, psicanalistas e personalidades como: Moacir Scliar, Autran Dourado, Eric Nepomuceno, Rogério Aguiar, Raul Hartke, Sérgio Annes, João Havelange.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br

Nada mais paradoxal do que alguém na função de terapeuta - profissão, por excelência, baseada no pensar e no imaginar - agir regido exclusivamente pelo imperativo da *ação*.

Chá de garfo não é apenas, como diz o autor na Nota Introdutória, “uma comédia suave, boa para ser lida numa tarde de domingo chuvoso”. É uma imploração: “Que a ação permita espaço à reflexão”. Um elogio à capacidade humana de pensar.



Professor universitário,
Jorge Alberto Salton
já teve publicados
os romances: *Milan
miragem, Árvore dos
sussuros*
e *Não busques o perfume
em um só coração.*

Em *Chá de garfo*, acompanhamos as aventuras hollywoodianas de um terapeuta “especializado” em casos perdidos. Numa função, por natureza, fundamentada no pensar e no imaginar, encontramos o personagem principal agindo pelo imperativo da *ação*. Humor e literatura. Sátira da cultura do *músculo-ação*, tão em moda nesta virada de milênio.

A obra literária de J. A. Salton vem recomendada por escritores, professores, personalidades, psiquiatras, psicanalistas e críticos, como Moacyr Scliar, Autran Dourado, Eric Nepomuceno, Tania Rösing, João Havelange, Rogério Aguiar, Raul Hartke, Sérgio Annes e Antonio Hohlfeldt.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



978-85-07261-2-9



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre